



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

## **Intervenção no antigo Asilo de Torre de Moncorvo e na Capela do Convento de São Francisco**

Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição  
Interior/Exterior

**Miguel Alexandre Duarte Rosa**

(Licenciado)

Proposta de Projeto Final Mestrado para obtenção do Grau Mestre em Arquitetura com  
especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

**Orientador Científico:** Professor Doutor João Nuno Pernão

**Presidente do Júri:** Professor Doutor Francisco Oliveira

**Arguente:** Professora Doutora Bárbara Massapina Vaz

**Orientador:** Professor Doutor João Nuno Pernão

Documento Definitivo  
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa  
Lisboa, Abril 2017





## 1 | RESUMO

A presente proposta de Projeto Final de Mestrado fica integrada num protocolo assinado entre a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, a Câmara Municipal de Torre de Moncorvo e a Fundação Francisco António Meireles. O projeto pretende abordar variadas temáticas que nos permitem a avaliação da área e consequente qualificação dos espaços existentes, aproveitando os recursos de origem local, garantindo aos futuros visitantes que todos os espaços ao seu dispor se encontram ao mesmo nível de qualidade.

Tendo como objeto de estudo o Antigo Asilo de Torre de Moncorvo e a Igreja do Convento de São Francisco, em âmbito académico, foi-me concedida a oportunidade de aplicar em obra conceitos estudados na requalificação dos espaços de transição. Com este trabalho pretende-se corresponder às expectativas do cliente, bem como formalizar uma proposta que seja capaz de recuperar a importância e simbolismo do local para a Vila de Torre de Moncorvo.

Quando iniciamos um projeto não é imediatamente perceptível a potencialidade do objeto de estudo, da sua história refletida em séculos da sua existência, da importância que a escolha dos materiais reflete no conforto dos espaços e que um ponto de vista é o suficiente para indicar algo que pretendemos enaltecer. É, portanto, este desencadear de ideias que torna o trabalho mais enriquecedor a cada etapa que desenvolvemos.

Com base nos fatores anteriormente referidos, após unanimidade do grupo e aceitação por ambas as parcerias, ficou acordado que o programa para o local de Enotel e Spa seria uma oportunidade para explorar as transições de interior/exterior, pois o que se prevê para esta estratégia de projeto corresponde com os principais métodos de abordagem de uma reabilitação, ou seja, com a intervenção nos edifícios existentes, preservando as qualidades dos mesmos, a criação de uma ligação entre ambos os espaços ou até mesmo a criação de um novo edifício e a sua integração na paisagem.

As estratégias utilizadas no desenvolvimento do trabalho realizado são resultado de condições impostas por parte do cliente e sucessivas visitas ao local, que foram fundamentais na perceção da realidade.

### **| PALAVRAS-CHAVE**

**Reabilitação Arquitetónica | Transição Interior-Exterior |  
Conforto | Materialidade | Água**

Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior

| ABSTRACT

The following Final Project integrated in a protocol signed between the institutions Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, the Câmara Municipal de Torre de Moncorvo and the Fundação Francisco António Meireles. The projects aims to explore a variety of themes that allow us to qualify the area and consequent qualification of the existent buildings, using the local resources that enable future visitants that every space will be at the same level of quality

Having the old asylum from Torre de Moncorvo and the Church from São Francisco Monastery, as an academic subject, was granted me as an opportunity to apply the concepts studied in the requalification of transition spaces. This work needs to correspond to a client expectations, as well as formalize one proposal that could recover the symbolic importance of the local, Torre de Moncorvo.

When a project is initiated is not immediately perceptible the potentially of the study, the history reflected in hundreds of year of existence, how important the material choice is, when reflected in the well-being spaces or how one point of view is enough to indicate everything we want to extoll. Therefore, this unleash of ideas makes the work more enriching to each stage that we develop.

Based in previous facts that we mentioned, and after and unanimous decision from the group and every part involved, we accomplished that the program of the projects would be an Wine Hotel and Spa and an awesome opportunity to explore the transitions between interior and exterior, we think that the best way to rehabilitate this buildings is addressing it with this strategy, in other words, we will preserve the qualities of the old structures, connecting them or even construct an new building that will be well integrated with the view.

The strategies used in a later phase of the work are result of conditions imposed by the client's will, multiple visits to the intervention site which were fundamental for the development of the entire project.

| KEY-WORDS

Architectural Rehabilitation | Interior/ Exterior Transition|  
Confort| Materialy | Water |

**Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**

## | AGRADECIMENTOS

*“Torna-te aquilo que és.”<sup>1</sup>*

No término de mais uma etapa académica, que considero a mais importante, devo e desejo expressar os meus sinceros agradecimentos às pessoas/entidades que contribuíram de forma positiva ao longo do meu percurso, encorajando-me a dar sempre o meu melhor, acreditando nas minhas capacidades e nunca duvidando da finalização deste projeto.

Em primeiro lugar gostava de agradecer à minha avó Felicidade, que é quem mais se preocupa, quem vive comigo as minhas tristezas e as minhas alegrias e, acima de tudo, a número um no registo de chamadas, sempre com medo que me aconteça alguma coisa. Sem ela nada seria igual. Agradeço também ao meu pai e à minha mãe pelo constante acompanhamento e vontade de ajudar e, cada um à sua maneira, permitiram-me optar pelo que considerava mais correto, apoiando-me nas minhas decisões. À minha Avó Sílvia, para quem ainda hoje continuo com 5 anos de idade.

Possivelmente sem se aperceber, foi quem me deu mais força e energia para que concluísse esta fase. Pela paciência e pela ajuda, um grande sentimento de gratidão à minha namorada, Márcia.

À família Quintino, Edgar, Mariana, Sandra e Dna. Amélia por, carinhosamente, me concederem o seu espaço como meu, acreditando que lá concluiria o meu trabalho mais rapidamente.

Deixo aqui também um agradecimento especial ao professor João Pernão pela oportunidade, pela orientação, sabedoria, disponibilidade/tempo despendido e, mais importante, por alimentar o meu gosto pela Arquitetura.

À Câmara de Torre de Moncorvo e à Fundação António Meireles pela ótima experiência que foi integrar este protocolo, por permitirem o meu contato com o mundo do trabalho, ainda num contexto académico.

Da faculdade, gostava de agradecer às pessoas que mais contribuíram para o meu sucesso, sempre caminhando ao meu lado, David, Nuno, Brandão, Luis, Ricardo, Madalena, Roberta, Xana, Adriana, Inês, Filipa, Barradinhas, Vaz Antunes, Machado. Ao Grupo de Moncorvo.

Aos amigos de Negrais, Tiago, Diogo, Rita, Becas, Pedro, Rui, Pipa, Jorge, Dany, Jt, Helder, Moreira, Ruben, Pedro e Inês, Romualdo e Inês.

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich

Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior

## ÍNDICE GERAL

ÍNDICE .....	0
1   RESUMO.....	I
PALAVRAS-CHAVE .....	I
Reabilitação Arquitetónica   Transição Interior-Exterior   Conforto   Materialidade   Água  .....	I
KEY-WORDS .....	III
AGRADECIMENTOS .....	V
ÍNDICE GERAL .....	VII
ÍNDICE DE FIGURAS.....	IX
1.1   Contextualização.....	1
1.2   Objetivos .....	2
1.3   Estrutura .....	3
1.4   Metodologia .....	4
2   ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	7
2.1   Reabilitação Arquitetónica.....	7
2.2   Espaço Exterior.....	13
2.3   Conforto nas Transição Interior-Exterior.....	17
2.4   Materialidade e Água na Arquitetura e no Desenho dos Espaços Exteriores .....	21
.....	21
3   REFERÊNCIAS .....	25
3.1   Palácio Nacional de Queluz .....	25
3.1.1   Contextualização Histórica .....	25
3.1.2   Jardins do Palácio .....	27
3.2   Praça 8 Maio, Coimbra.....	31
3.2.1   Introdução ao Caso de Estudo.....	31
3.2.2   O Mosteiro de Santa Cruz e Área Envolvente.....	31
3.2.3   O passado da Praça 8 de Maio.....	32
3.2.4   Planeamento da Intervenção .....	34
3.2.5   O Espaço em detalhe .....	35
3.2.5   Fundamentação das alterações.....	36
4.   PROJETO DE INTERVENÇÃO NO ANTIGO ASILO DE TORRE DE MONCORVO E NA CAPELA DE SÃO FRANCISCO .....	39
4.1   Contextualização Histórica e Geográfica.....	39

## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

4.2  Análise e Descrição do Objeto de Estudo.....	41
4.3  Asilo Francisco António Meireles.....	42
4.4  Capela do Convento São Francisco .....	44
4.5  Espaço Exterior .....	46
4.6  Programa .....	47
4.5  Descrição do Projeto .....	49
4.5.1   Transição entre a entrada principal e o estacionamento .....	49
4.5.2  Ligação entre o Asilo e a Capela .....	53
4.5.3  Antigo Claustro e Jardim de Água.....	53
4.5.4  Relação do novo edifício, Cultivo das Vinhas e Piscina Exterior.....	56
4.5.5  Harmonia dos Materiais .....	56
5  CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	59
BIBLIOGRAFIA.....	60
Monografias .....	60
Documentos Eletrónicos.....	61
Teses .....	62
7   ANEXOS 1.....	1
Processo de Trabalho .....	1
Painéis Síntese A3 .....	6
8   ANEXOS 2.....	1
Maquete da Proposta- Escala 1:50 Escadas Exteriores .....	1
Maquete da Proposta- Escala 1:50 Ligação entre Asilo e Capela.....	5
9   ANEXOS 3.....	1
Painéis Síntese A3 .....	1

## ÍNDICE DE FIGURAS

- Fig. 1- Fonte de Neptuno, Palácio de Schönbrunn, ..... 14**  
Fonte: [http://www.zoropeando.net/wp-content/uploads/2015/06/Neptune\\_Fountain\\_Sch%C3%B6nbrunn-foto-Simon-Matzinger.jpg](http://www.zoropeando.net/wp-content/uploads/2015/06/Neptune_Fountain_Sch%C3%B6nbrunn-foto-Simon-Matzinger.jpg)
- Fig. 2 - Jardim Palácio Nacional de Sintra ..... 14**  
\_Fonte: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/04/3d/fb/8b/palacio-nacional-de-sintra.jpg>
- Fig. 3 - Jardim Palácio Nacional de Sintra, exemplo  
percepção olfativa ..... 15**  
Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/large/57596549.jpg>
- Fig. 4- Fernando Távora, Quinta da Conceição  
“Interior/Exterior” ..... Error! Bookmark not defined.**  
Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/-CpCkA4cxKGE/TkqheduZsl/AAAAAAAAAPc/NYa63-5E39A/s1600/patio+rosso+02.jpg>
- Fig. 5- Fernando Távora, Quinta da Conceição  
“Interior/Exterior” ..... Error! Bookmark not defined.**  
Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-t3yHysQelsE/TkqjU5JfHRI/AAAAAAAAAPo/ZZSSVdv56dA/s1600/patio+rosso+08.jpg>
- Fig. 6 - Peter Zumthor, Museu Kolumba, Vista Interior ..... 21**  
Fonte: [http://www.stockpholio.net/index/view/image/4530201789\\_7.jpg](http://www.stockpholio.net/index/view/image/4530201789_7.jpg)
- Fig. 7 – Peter Zumthor, Museu Kolumba, Vista Exterior .... 21**  
Fonte: [http://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/cologne/kolumba\\_art\\_museum\\_s150611\\_hb3.jpg](http://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/cologne/kolumba_art_museum_s150611_hb3.jpg)
- Fig. 8- Peter Zumthor, Termas de Vals foto de Fernando  
Guerra ..... 23**  
Fonte: [http://images.adsttc.com/media/images/580f/adad/e58e/cefd/6700/007e/large\\_jpg/9.jpg?1477422490](http://images.adsttc.com/media/images/580f/adad/e58e/cefd/6700/007e/large_jpg/9.jpg?1477422490)
- Fig. 9- Jardins do Palácio de Queluz..... 25**  
Fonte: [http://0.fotos.web.sapo.io/i/Gb011807a/18125804\\_WokTZ.jpeg](http://0.fotos.web.sapo.io/i/Gb011807a/18125804_WokTZ.jpeg)
- Fig. 10 - Jardins da Pênsil e Jardim de Malta ..... 26**  
Fonte: [http://4.fotos.web.sapo.io/i/G40068831/18125803\\_UH3J6.jpeg](http://4.fotos.web.sapo.io/i/G40068831/18125803_UH3J6.jpeg)

- Fig. 11- Lago de Neptuno, Jardim Pênsil .....27**  
Fonte:[https://farm9.staticflickr.com/8475/8094047994\\_1e7892b9dd\\_c.jpg](https://farm9.staticflickr.com/8475/8094047994_1e7892b9dd_c.jpg)
- Fig. 12 – Cascata Grande que finaliza o percurso dos jardins.....29**  
Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/large/38281656.jpg>
- Fig. 13 – Cartografia de Coimbra de 1834 .....31**  
Fonte:[http://www.coimbravivasru.pt/pdf/praca\\_oito\\_de\\_maio.pdf](http://www.coimbravivasru.pt/pdf/praca_oito_de_maio.pdf)
- Fig. 14 - Igreja de Santa Cruz, Praça 8 de Maio, início do século XX .....32**  
Fonte:[http://www.coimbravivasru.pt/pdf/praca\\_oito\\_de\\_maio.pdf](http://www.coimbravivasru.pt/pdf/praca_oito_de_maio.pdf)
- Fig. 15 - Praça 8 de maio no início do século XX.....33**  
Fonte:[http://www.coimbravivasru.pt/pdf/praca\\_oito\\_de\\_maio.pdf](http://www.coimbravivasru.pt/pdf/praca_oito_de_maio.pdf)
- Fig. 16 – Vista da Praça 8 Maio .....35**  
Fonte:[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Pra%C3%A7a\\_8\\_de\\_Maio\\_Coimbra\\_photo\\_by\\_Christian\\_G%C3%A4nshirt.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Pra%C3%A7a_8_de_Maio_Coimbra_photo_by_Christian_G%C3%A4nshirt.jpg)
- Fig. 17 – Vista da Praça 8 Maio .....35**  
Fonte:[http://3.bp.blogspot.com/\\_O7kS4QHFtm0/TB4fwViBqPI/AAAAAAAALA/dKI7NsCoOrM/s1600/Praca8deMaio-LadoCafe.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_O7kS4QHFtm0/TB4fwViBqPI/AAAAAAAALA/dKI7NsCoOrM/s1600/Praca8deMaio-LadoCafe.jpg)
- Fig. 18 – Panorâmica Vista de Frente para a Igreja .....37**  
Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/b5/fa/fa/b5fafa2d6d94454252346a5f502139f8.jpg>
- Fig. 19 – Localização de Torre de Moncorvo .....39**  
Fonte:<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/12/LocalTorreDeMoncorvo.svg/280px-LocalTorreDeMoncorvo.svg.png>
- Fig. 20 - Conselho de Moncorvo .....39**  
Fonte:[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/79/Torre\\_de\\_Moncorvo\\_freguesias\\_2013.svg/400px-Torre\\_de\\_Moncorvo\\_freguesias\\_2013.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/79/Torre_de_Moncorvo_freguesias_2013.svg/400px-Torre_de_Moncorvo_freguesias_2013.svg.png)
- Fig. 21 – Asilo e Capela no início Séc. XX.....39**  
Fonte:<http://3.bp.blogspot.com/sZoowRDDTsY/T1ZQUANX1EI/AAAAAAAEgo/TaFsiFinQU/s1600/convento+postal.jpg>

- Fig. 22 - Convento e Capela de São Francisco de 1865.....** 39  
Fonte:  
<http://3.bp.blogspot.com/sZoowRDDTsY/T1ZQUANX1EI/AAAAAAAEgAAAAEg/o/TaFsIFinQUs/s1600/convento+postal.jpg>
- Fig. 23 – Esquema da evolução do Convento, desde a sua origem ate à atualidade.....** 40  
Fonte: Esquema do Autor
- Fig 24 – Posição do conjunto face à Vila.....** 41  
Fonte: Foto tirada pelo autor
- Fig. 25 – Acesso pela Rua São Francisco.....** 41  
Fonte: Foto tirada pelo autor
- Fig. 26 - Vista aérea dos edifícios da Intervenção.....** 41  
Fonte: Foto retirada Google Maps
- Fig. 27 – Vista da Fachada Principal do Asilo .....** 42  
Fonte: Foto tirada pelo autor
- Fig. 28 – Portão do Complexo .....** 42  
Fonte: Foto tirada pelo autor
- Fig. 29 – Plantas do Asilo (Piso -1 e 0).....** 42  
Fonte: Plantas realizadas pelo autor
- Fig. 30 – Alçados Existentes do Asilo.....** 43  
Fonte: Desenhos realizados pelo autor
- Fig. 31 – Fotos de alguns Compartimentos do Interior do Asilo .....** 43  
Fonte: Fotos tiradas pelo autor
- Fig. 32 – Capela de São Francisco Séc. XIX .....** 44  
Fonte:<http://3.bp.blogspot.com/sZoowRDDTsY/T1ZQUANX1EI/AAAAAAAEgAAAAAAAEg/o/TaFsIFinQUs/s1600/convento+postal.jpg>
- Fig. 33 – Vista de uma das Capelas Laterais .....** **Error!**  
**Bookmark not defined.**  
Fonte: Foto tirada pelo autor
- Fig. 34 – Alçado Atual da Capela.....** 44  
Fonte: Desenhos produzidos pelo autor
- Fig. 35 – Plantas e corte longitudinal do existente .....** 44  
Fonte: Plantas realizadas pelo autor

<b>Fig. 36 – Interior da igreja, piso inferior .....</b>	<b>45</b>
Fonte: Fotos tiradas pelo autor	
<b>Fig. 37 - Capela-mor.....</b>	<b>45</b>
Fonte: Fotos tiradas pelo autor	
<b>Fig. 38 – Interior da Igreja, piso superior .....</b>	<b>45</b>
Fonte: Fotos tiradas pelo autor	
<b>Fig. 39 - Terrenos de cultivo na parte posterior .....</b>	<b>46</b>
Fonte: Fotos tiradas pelo autor	
<b>Fig. 40 - Espaço exterior compreendido entre a igreja e o asilo .....</b>	<b>46</b>
Fonte: Fotos tiradas pelo autor	
<b>Fig. 41 – Distribuição do Novo Programa .....</b>	<b>47</b>
Fonte: Planta realizada pelo autor	
<b>Fig 42 – Relação das Escadas com a Fachada.....</b>	<b>Error!</b>
<b>Bookmark not defined.</b>	
Fonte: Desenhos produzidos pelo autor	
<b>Fig. 43 – Vista do Estacionamento .....</b>	<b>Error! Bookmark not defined.</b>
Fonte: Desenhos produzidos pelo autor	
<b>Fig. 44 – Vista sobre a praça Francisco Meireles .....</b>	<b>Error!</b>
<b>Bookmark not defined.</b>	
Fonte: <a href="http://3.bp.blogspot.com/-UhHmyVGKHCE/T2-roTeNwul/AAAAAAAAALK4/x4efASpuV1c/s1600/MONCORVO++PRA%C3%87A+FRANCISCO+MEIRELES+-+OLD+CARS+AUTOMOBILES+VOITURES+CORREIOS.jpg">http://3.bp.blogspot.com/-UhHmyVGKHCE/T2-roTeNwul/AAAAAAAAALK4/x4efASpuV1c/s1600/MONCORVO++PRA%C3%87A+FRANCISCO+MEIRELES+-+OLD+CARS+AUTOMOBILES+VOITURES+CORREIOS.jpg</a>	
<b>Fig. 45 – Planta da escadaria ..</b>	<b>Error! Bookmark not defined.</b>
Fonte: Planta produzidos pelo autor	
<b>Fig. 46 – Relação entre o caminho da água e o percurso das visitantes .....</b>	<b>51</b>
Fonte: Desenhos produzidos pelo autor	
<b>Fig. 47 – Métrica do pavimento .....</b>	<b>53</b>
Fonte: Planta produzidos pelo autor	
<b>Fig. 48 – Ponto de Observação .....</b>	<b>53</b>
Fonte: Desenhos produzidos pelo autor	
<b>Fig. 49 – Sobreposição da planta antiga do convento com a Planta atual para perceber a posição do antigo claustro ..</b>	<b>54</b>
Fonte: Planta produzidos pelo autor	

**Fig. 50 – Exemplo de um ponto de vista “entrada para o claustro” ..... 54**

Fonte: Desenhos produzidos pelo autor

**Fig. 51 – Centralidade na Planta..... 55**

Fonte: Planta produzidos pelo autor

**Fig. 52 – Alçado Frontal ..... Error! Bookmark not defined.**

Fonte: Desenhos produzidos pelo autor

**Fig. 53 – Forma como o Jardim é rodeado pela água.. Error! Bookmark not defined.**

Fonte: Planta produzidos pelo autor

**Fig. 54 – Zona de Ligação ..... Error! Bookmark not defined.**

Fonte: Vista retirada do Google Maps

**Fig. 55 – Exemplo, caves Sandman..... Error! Bookmark not defined.**

Fonte:[https://www.winetourismportugal.com/fotos/produtos/caves\\_sandeman4\\_73362943654f726b1f269c.jpg](https://www.winetourismportugal.com/fotos/produtos/caves_sandeman4_73362943654f726b1f269c.jpg)

**Fig. 56 – Harmonia entre as mesas e a água ..... 56**

Fonte: Desenhos produzidos pelo autor

**Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**

## 1 | INTRODUÇÃO

### 1.1 | Contextualização

A minha proposta final de mestrado surge como seguimento do protocolo acordado entre a Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, a Fundação António Meireles e a Faculdade de Arquitetura, no âmbito das unidades curriculares de Laboratório de Projeto IV e V, do 4ºano, orientadas pelo professor João Pernão, cujo objetivo se centra numa intervenção ao antigo Asilo de Torre de Moncorvo, assim como na Capela do Convento de São Francisco, ambos localizados num dos topos da margem direita do rio Sabor, Torre de Moncorvo.

O protocolo assinado é constituído por quatro fases distintas, com duração máxima de dois anos letivos. As duas primeiras fases correspondem ao levantamento rigoroso dos edifícios e de um desenvolvimento teórico, realizado com bases na História da Arquitetura do edifício da Fundação. Estas serão realizadas pelo grupo de investigação ArchC\_3D e por um aluno no âmbito da proposta final de mestrado respetivamente.

A terceira fase prevê a realização de um projeto de arquitetura, na qual está inserida este PFM, por um grupo de cinco alunos, que orientados pelo professor João Nuno Pernão têm em vista a sua realização em obra. Muito embora este projeto seja realizado em conjunto, cada um irá desenvolver soluções com base nas suas linhas de investigação da componente teórica, utilizando o projeto conjunto para a aplicação dos conceitos refletidos.

O tema que irei desenvolver será a Qualificação Arquitetónica através do desenho dos espaços de transição interior/exterior. Existirem vários edifícios distintos e ambos fazem parte do mesmo trabalho, como tal achei importante relacioná-los através do redesenhar dos espaços exteriores. O protocolo estabelecido tem em vista a realização de um hotel spa vinícola e uma instituição deste teor deve preocupar-se acima de tudo com o conforto dos seus hóspedes, adaptando as suas áreas de forma a enriquecer cada espaço, proporcionando sensações únicas capazes de responder às expectativas dos visitantes, independentemente da sua faixa etária.

O asilo tornará possível a conjugação de três espaços distintos, nomeadamente do lazer, de cultura e do trabalho (produção vinícola), o que atrairá diferentes tipos de visitantes, que verão as suas necessidades atendidas na qualidade das infraestruturas que me proponho desenvolver.

## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

Embora sejam três edifícios distintos, com programas diferentes, estão relacionados principalmente no que concerne aos espaços exteriores. Como tal, proponho-me a redesenhar todos esses espaços, recorrendo a uma nova materialidade pontual ou mesmo à água, na tentativa de unir os edifícios referidos anteriormente.

Por último, a quarta fase, que corresponde ao acompanhamento do projeto em obra, ficará entregue à Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, caso este venha a ser realizado.

### 1.2 |Objetivos

Reabilitar o antigo asilo em Torre de Moncorvo com especial ênfase nas transições de interior/exterior.

Refletir sobre uma nova utilização do antigo claustro do asilo, relacionando e qualificando os espaços à sua volta.

Desenhar os espaços exteriores aos edifícios de forma a que haja uma continuidade funcional, sensória e estética entre os interiores e os exteriores.

Utilizar a água como elemento fundamental na recriação do desenho dos espaços exteriores.

### 1.3 | Estrutura

O trabalho está dividido em quatro partes, nomeadamente a introdução, o enquadramento teórico e a análise de casos de estudo, a proposta de intervenção (no antigo asilo de Torre de Moncorvo e capela do Convento de São Francisco) e, por fim, as considerações finais (Anexos e Bibliografia).

Na primeira parte, a introdução, são explicados os objetivos aos quais me proponho e o contexto em que estão inseridos. Serão também definidas palavras-chave e objetivos que, ao longo do processo de trabalho, estão justificados. Por último, será clarificada a estrutura do projeto e a metodologia que desenvolvo para a sua concretização.

Posteriormente apresento o enquadramento teórico e a análise dos casos de estudo. A base teórica do trabalho será explicada através de conceitos e citações literárias de autores que estudaram os diferentes temas de abordagem. A reabilitação será o primeiro conteúdo a ser desenvolvido, subdividido em três componentes: conservação, restauro e reabilitação, interligados com as questões de salvaguarda do património. O projeto irá incidir na qualificação dos espaços exteriores através do uso da água e nas transições de interior-exterior na reabilitação, como temas principais aliados a uma proposta para a melhoria de questões de conforto, usando diferentes tipos de materialidade.

Serão apresentados seguidamente os casos de estudo, que são essenciais na compreensão da estrutura pela qual o trabalho foi feito e a sua postura face à arquitetura.

É na terceira parte que será apresentada a proposta prática do projeto de reabilitação do antigo asilo de Torre de Moncorvo e da capela da fundação António Meireles inserido no âmbito do Protocolo CMTM | FFAM | FAUL.

Por último, as considerações finais, absorvidas do trabalho realizado. Na mesma parte, a bibliografia verificada e os anexos que contêm alguns elementos do processo de trabalho, bem como estudos prévios ao processo final.

#### 1.4 | Metodologia

A metodologia será produzida mediante cinco fases de trabalho distintas, nas quais estarão presentes análises e levantamentos, o desenvolvimento de projeto, análise de casos de estudo e consequente aplicação até à finalização dos painéis.

A Primeira fase corresponde à análise e levantamento de valores históricos da Vila de Torre de Moncorvo e do local da intervenção. Consiste numa seleção de edifícios e de percursos de interesse no meio envolvente, mais especificamente na recolha arqueológica na zona a intervir, procurando estabelecer interesses da região através dos seus recursos e produtos confeccionados. Numa fase de grupo serão analisados os desenhos técnicos do projeto a intervir, bem como a análise de cores, texturas, materiais, assim como os seus estados de conservação. Será também importante realizar um levantamento fotográfico e proceder à escolha dos casos a estudar.

Na segunda fase realiza-se o desenvolvimento do trabalho, a conceção da parte prática do projeto existente e serão desenhadas as plantas, cortes e alçados dos edifícios e da envolvente, através do auxílio dos meios informáticos (CAD), para posteriormente serem utilizados na conceção do projeto. Será também construída uma Maqueta da zona e dos edifícios propostos para intervenção e, ulteriormente, será analisada a envolvente no sentido de procurar, manter ou demolir edifícios adjacentes.

Na terceira fase do trabalho serão analisados os casos de estudo anteriormente elegidos, sendo necessária a sua análise morfológica e dos edifícios da proposta, onde serão identificados os conceitos comuns na análise, concluindo com a construção de um quadro de análise sintético da proposta.

Na quarta fase do trabalho realizar-se-á o projeto, procedendo-se à aplicação dos conceitos estudados na sua elaboração, com o auxílio de desenho assistido por computador (CAD) e modelação 3D. Ao longo desta fase, o projeto será constantemente comparado com as referências e casos de estudo, terminando com a quinta e última etapa que será a finalização, a apreciação dos desenhos e das maquetas, refletindo sobre os resultados finais.

**Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**

**Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**

## 2 | ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 2.1 | Reabilitação Arquitetónica

*"A reabilitação urbana é um desígnio nacional. Durante décadas, deixou-se degradar em Portugal grande parte do nosso património edificado. As barreiras jurídicas desproporcionadas a um conceito social de propriedade, os desequilíbrios legislativos propiciadores de medidas redistributivas a curto prazo, mas com inegáveis efeitos nocivos a longo prazo, a subsidiação da expansão urbana, por via de instrumentos de gestão territorial desproporcionados, a desadequação da legislação generalizadora à especificidade da reabilitação, bem como os enormes prazos de licenciamento que daí decorriam, constituíram alguns dos factores que criaram um desequilíbrio económico em desfavor da reabilitação do património edificado."*<sup>2</sup>

Podemos afirmar que o conceito de reabilitação é relativamente recente, embora advenha do final da segunda guerra mundial, onde surgiu uma necessidade de reestruturar as cidades, construir novas habitações, visto que a grande maioria tinha acabado destruída ou demasiado degradada. No entanto, não seria eloquente destruir por completo a cidade e, apesar das más condições em que se encontravam as casas, ainda restava uma minoria. Foi então que surgiu a necessidade de pensar numa conciliação entre as casas novas e as que ainda existiam (mas degradadas). Isto resultou numa renovação urbana, onde se viria a recuperar as habitações que restavam.

*"Ao contrário do monumento histórico, não se trata mais de abordar a salvaguarda de edifícios singulares, individuais, mas de cidades, de bairros ou mais geralmente de tecidos urbanos antigos, apreendidos como entidades autónomas, objectos específicos não redutíveis à soma dos seus componentes, mas caracterizados pelo modo de articulação e de diferenciação dos seus componentes cheios e vazios."*<sup>3</sup>

Segundo F. Choay, este novo conceito de reabilitação teve o seu tempo de afirmação em espaços e momentos diferentes, referentes a três fases históricas distintas, referindo também três protagonistas: em Inglaterra, John Ruskin, na Áustria Camillo Sitte e em Itália, Gustavo Giovannoni.

---

<sup>2</sup> LOBO, C. 2006. Conferência de Apresentação do Novo Regime de Reabilitação Urbana, Lisboa

<sup>3</sup> CHOAY, F. 2000 A Alegoria do Património, Lisboa, Edições 70

Provavelmente Ruskin terá sido o pioneiro, foi protagonista na preservação das cidades históricas europeias, baseado na teoria que adaptou ao longo de vários anos em que construiu as cidades, sobre a inclusão da preservação do patrimônio edificado e dos centros históricos urbanos de arquitetos anônimos. Foi também através de Ruskin que se começou a dar importância à conservação dos grandes monumentos e conseqüentemente as cidades históricas começaram a despertar interesse.

Apesar de Ruskin dar toda a importância às cidades históricas, por sua vez, Camilo Sitte, através dos seus tratados, não mostra qualquer preocupação com isso, visto estar direcionado para uma cidade do futuro. As suas intenções têm em vista a sustentação da beleza urbana e o seu estudo analisa as praças de variadíssimas cidades antigas. A sua análise da comparação e relação dos volumes cheios e vazios, aponta para uma diferença formal entre continuidades e descontinuidades dos vários objetos de estudo. As cidades antigas constituem assim, para Sitte, objetos históricos.

Por último, Gustavo Giovannoni, conhecido como um visionário, antecipou perto de 50 anos o urbanismo e a reabilitação dos tempos de hoje. Os seus pensamentos levaram-no a reclamar que os centros históricos antigos tenham usos modernistas, isto é, o monumento que é definido pela sua morfologia, estrutura, paisagem ou imagem na cidade, devia estar sujeito a uma proteção segundo as leis e critérios do restauro e da conservação, semelhantes aos que existiam na altura. Defende que os centros históricos devem ser salvaguardados, bem como o favorecimento da interligação com o resto da cidade, para isso, planeou o tráfego de forma a evitar os fluxos intensos entre pessoas e carros nessas zonas. Através da introdução de pequenas praças, alargando os espaços públicos e recorrendo a pequenas demolições assertivas, consegue evitar os esvaziamentos e as destruições massivas do higienismo. Afirmamos que teve um papel vivo e ativo que contraria os seus antecessores, quando introduz um novo conceito de espaço quotidiano aos tecidos antigos, um parecer que possibilitava o uso do espaço e não a ideia de espaço museu e para que tal fosse possível aponta para quatro condições: Não poderia existir apenas um motivo de interesse nos centros históricos de modo a evitar a centralidade única; total compatibilidade dos usos atribuídos aos centros históricos com as características da sua morfologia, escala e capacidades do seu cadastro; evitar por completo as construções ou edificações parasitas e, por último, aquando adição de novos corpos, deve existir um respeito absoluto das tipologias existentes e um condicionamento nas questões da morfologia e volumetria que existia nos centros.

Assim no ano de 1933, com a Carta de Atenas do Urbanismo, que resultou do congresso internacional de arquitetura moderna, CIAM, foi ao inverso dos ideais que Giovannoni defendia e o papel vivo e ativo que os centros históricos detinham acabou por ser contrariado, isto é, foram favorecidos os desventramentos higienistas e a demolição da arquitetura de acompanhamento. Os critérios da carta eram incompatíveis com as possibilidades que existiam na conservação e recuperação das cidades existentes. Le Corbusier, com o Plan Voisin em 1925, desenvolvido para proteger o centro de Paris, defendeu que se iriam manter alguns dos monumentos dentro da lógica museológica de carácter heterogéneo, como os exemplos de Notre-Dame, Sacré-Couer, Arco do Triunfo, Torre Eiffel e mais alguns que seriam substituídos na malha de edifícios históricos por algumas torres gigantescas.

Mais tarde, em 1964, foi publicada a “Carta Internacional do Restauro”, mais especificamente a “Carta de Veneza”, onde ficaram estabelecidos os princípios básicos da preservação e restauro de antigos edifícios, cujas regras assentavam num âmbito internacional, em que cada país ficaria responsável pela aplicação na sua cultura e tradições, defendendo o que era relevante conservar para além dos edifícios, com o objetivo de classificar o que se elevaria a património arquitetónico.

Finalmente, em 2006, foi reconhecida em Portugal a reabilitação como uma necessidade para o desenvolvimento económico, uma salvaguarda para o património cultural, uma melhoria para as condições de vida e consumos energéticos. Construir edifícios é importante, mas mais importante é reabilitar, o que significa que estamos a preservar aqueles que já existem, reduzindo assim demolições desnecessárias, diminuindo as quantidades de energia e dos gastos em produtos de construção. Atualmente a reabilitação é uma prioridade nacional, uma oportunidade para potenciar os edifícios das cidades que estavam a cair em desuso, oferecendo-lhes uma nova vida, contribuindo, desta forma, para uma revitalização das cidades.

*“O seu objectivo fundamental consiste em resolver as deficiências físicas e as anomalias construtivas, ambientais e funcionais, acumuladas ao longo dos anos, procurando ao mesmo tempo uma modernização e uma beneficiação geral do imóvel sobre o qual incide – actualizando as suas instalações, equipamentos e organização dos espaços existentes –,*

*melhorando o seu desempenho funcional e tornando esses edifícios aptos para a sua completa e actualizada reutilização.”<sup>4</sup>*

A reabilitação engloba assim todo o tipo de edifícios, desde os de maior valor arquitetónico, até aos de construção corrente, visando conceder-lhes melhorias físicas, mecânicas e estéticas, de modo a aumentar os seus padrões de segurança em termos estruturais e construtivos, contudo, mantendo as suas características arquitetónicas, culturais e históricas. As vertentes em que dividimos o termo de reabilitação são, nomeadamente, a vertente exterior, onde é explorado o melhoramento estético das fachadas, coberturas e dos arranjos exteriores, para que possam acrescentar ao edifício um maior conforto, também a vertente interior, que concede ao espaço novas utilizações, melhorando as suas características funcionais e, por último, a vertente estrutural, onde existe um reforço da estrutura, devolvendo ao edifício a sua segurança, maioritariamente em termos sísmicos.

*“Ao conceito de Conservação Integrada, que nos anos 70 compatibilizava a requalificação física da cidade existente com a sua reabilitação Sócio-Económica, vem na década de 90, consequência da crescente sensibilização dos cidadãos para as questões ambientais, juntar-se o conceito de Desenvolvimento Sustentável. Está claramente posto em causa o modelo expansionista, pela utilização, em demasia, de recursos não renováveis (energia, terrenos, o parque edificado) e o conceito da conservação urbana encontra um novo tema a ecologia.”<sup>5</sup>*

O património edificado não pode ser renovável ou reproduzível, isto por natureza. Dizemos que um objeto pertence ao seu determinado ambiente geográfico, a uma cultura e sociedade específicas, e estas também não podem ser alteradas. Sendo que as modificações que nele serão introduzidas ao longo do tempo consolidam novos testemunhos e valores, incorporando a sabedoria, costumes, conhecimentos, hábitos e experiências de vida dos seus moradores criadores ou utilizadores. Demolir um edifício antigo, para construir um novo, é muito mais dispendioso ao nível do desperdício de energias e levanta problemas de diversas formas, como será o caso da utilidade que terão os resíduos e o dispêndio em energias não renováveis, para edificarmos outro corpo no mesmo local.

---

4 AGUIAR, José; CABRITA, António Reis; APPLETON, João (1993) - Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais: Volume I. Lisboa: LNEC. Pg.22

<sup>5</sup>AGUIAR, José; Cor e cidade histórica. FAUP publicações

## Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

É importante reconhecer o valor do antigo asilo, da capela, assim como dos espaços circundantes, visto que através de novos usos e requalificação dos espaços, o conceito do edifício possa adquirir ainda mais expressão.

Conservar um monumento significa manter a essência viva, que vai para lá da conservação dos seus elementos estruturais ou a sua identidade visual, é preciso manter o papel que ele um dia desempenhou na sociedade de Moncorvo, como espaço de memória, referente a um passado análogo e lugar de desafio à criatividade humana. O recurso ao conteiro de património é cada vez mais entendido, tanto nas abordagens onde tenhamos de fazer com que responda pela sua sustentabilidade, como para a exigência que nos responsabiliza ainda mais para um futuro próximo ou para as gerações seguintes, na medida em que, a utilização que faremos depois da nossa intervenção do património, não poderá de modo algum prejudicar o direito de utilização por essas mesmas gerações.

**Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**

## 2.2 | Espaço Exterior

*“O ESPAÇO definido pela Forma, que traduz certamente a IDEIA e que é tencionado pela LUZ, é o resultado material, palpável, tangível da Architectura.”<sup>6</sup>*

A intervenção do homem no espaço dá origem à arquitetura, o espaço é reconhecido como um todo, é contínuo e não pode ser dissociado desse facto. O homem tem o poder de organizar, modelar e delimitar, criando a arquitetura.

Existe uma tendência clara na arquitetura para a primeira preocupação ser trabalhar o interior, de tal modo que, quando se pensa em qualificar um espaço, poderíamos focar-nos apenas no interior, embora os espaços exteriores, como jardins, quintais, ou simplesmente varandas, frequentemente pouco explorados tenham, também, um interesse significativo.

O final do século XVI ficou marcado por uma mudança dos tempos em que se vivia, o conceito filosófico a que a arquitetura estava ligada, transitava para um movimento onde existia uma criação imaginativa do espaço, onde dominava a mente e não os olhos, onde a criação estava ligada à emoção e redescoberta da arte teatral. O barroco surgiu e arquitetonicamente trouxe-nos edifícios simbolizados pelas curvas e contra curvas, uma sucessão de volumes espaciais, que por vezes tinham grandes visões pintadas, que confinavam aos tetos uma grande exuberância.

Em termos de exteriores a arte dos jardins constituiu tema de intensa polémica durante os séculos XVII e XVIII na Europa, atingindo de igual modo o espaço da cultura portuguesa da época. O Homem começou a ter uma perceção de que o que estava à sua volta tinha de se relacionar com o interior dos edifícios, isto é, o edifício não podia ser visto como um único, mas sim ser relacionado com tudo o que estava à sua volta, o pensamento desencadeou várias fontes de inspiração e não apenas o próprio Homem.

---

<sup>6</sup> BAEZA, Campo, A ideia construída, Caleidoscópio\_Edição e Artes Gráficas S.A., Casal de Cambra, 2013, p. 38.

## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

A arquitetura passou a ser pensada de maneira diferente, o local onde se iria construir passava a ser o elemento principal da composição arquitetónica, dando o exemplo numa colina com uma vista magnífica e abundância de água, que poderia dar origem a uma cascata artificial, onde o jardim seria composto por vários patamares propositadamente para que quem passeasse pelo espaço usufruísse do puro espetáculo.



**Fig. 3- Fonte de Neptuno, Palácio de Schönbrunn,**

Concluindo com isto que a arquitetura para além da sua composição lírica e teatral, com fortes apontamentos exuberantes, passou também a ser pensada sobre o local em que estava inserida.

O contexto dos exteriores nacionais ficou marcado por um grande ecletismo: por um lado resultado da influência italiana, por outro, uma influência mais rural e utilitária à tipologia de solar palaciano, com o qual se combinava, criando jardins dentro de jardins, mantendo-se assim, tanto a tradição medieval como a tradição clássica. Resultando numa forma de exotismo exuberante, mas de certa forma racional. No panorama cultural, a natureza era dominada pelo intelecto, os contornos verdes são nítidos, regulares, precisos e definem espaços cénicos na procura da perfeição, que poderia ir além do mundo natural. Os jardins surgiam como um prolongamento dos enquadramentos cénicos dos palácios, conseguindo um impacto simbólico na paisagem dos desígnios do domínio senhorial.

A moda dos jardins portugueses revela-se, pelas descrições e pelos jardins, que perduraram no tempo até aos dias de hoje, num conceito de espaço de certa forma sagrado, rodeados por muros altos, que constituem lugares com uma mística secreta, reservados de qualquer contacto com o exterior.



**Fig. 4 - Jardim Palácio Nacional de Sintra**



**Fig. 5 - Jardim Palácio Nacional de Sintra, exemplo percepção olfativa**

Embora sigam os exemplos da Europa, os exteriores portugueses seguem também o exemplo do jardim islâmico, o que vem acrescentar ao simbolismo do barroco uma grande sensibilidade de sentidos.

Na construção este jardim tem algumas diferenças, talvez seja causa da diferença de culturas. A percepção sobre o espaço é processada de maneira diferente e faz parte da educação do indivíduo numa dada sociedade. O campo do olfato tem tamanha importância, sabemos hoje que está diretamente ligado com o humor e o temperamento, daí ser suscetível a que sejam espaços relativamente mais curtos, assim sendo, apresentam-se como jardins mais pequenos, muitas vezes enclausurados e a sua estrutura é procedida de modo a organizar o jardim através da percepção olfativa e visual, resultando em espaços mais calmos e de repouso.

*“e a brisa, soprando dia e noite enche-o de perfumes”, “no recanto escolhido, o jardim visita-nos/enviando os seus presentes pelas mãos aromatizadas da brisa”<sup>7</sup>*

Frank Lloyd Wright via na natureza um potencial enorme e acreditava que quanto mais próximo o homem estivesse dela, aumentaria o bem-estar pessoal, físico e espiritual.

*“Agora, o que é que me tocou? Tudo, as coisas, as pessoas, o ar, ruídos, sons, cores, presenças materiais, texturas e também formas. Formas que consigo compreender. Formas que posso tentar ler. Formas que acho belas. E o que é que me tocou para além disso? A minha disposição, os meus sentimentos, a minha expectativa na altura em que ali estive sentado. E vem-me à cabeça esta famosa frase inglesa que remete a Platão: “Beauty is in the eye of the beholder”. Isto é: tudo existe apenas dentro de mim. Mas depois faço a experiência e elimino a praça. E já não tenho os mesmos sentimentos.”<sup>8</sup>*

No caso específico da minha proposta, tenciono que o espaço exterior desempenhe funções importantes na comunicação entre edifícios, com a possibilidade dos visitantes disporem de espaços diferenciados, onde se possam praticar diferentes atividades e cada pessoa possa aproveitar o seu tempo, por exemplo somente vislumbrando a paisagem. O objetivo é ser um momento marcante para o visitante, assim como a Praça marcou Zumthor no exemplo anterior. Como tal, pretendo requalificar esse espaço, relacionando-o com a

<sup>7</sup> Ibn Amar, transcrito por António Borges Coelho – Portugal na Espanha Árabe, Vol IV, p. 375.

<sup>8</sup> ZUMTHOR, P. 2006. Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, SL

## Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

arquitetura em seu redor. O homem não deve ser intimidado pelo espaço que está à sua volta, mas sim tudo o que o contorna deve enaltece-lo. A minha proposta incide sobre essas pessoas, de modo a aproveitar e a despende de mais tempo no espaço determinado, interligando-se com todo o projeto arquitetônico.

## 2.3 | Conforto nas Transição Interior-Exterior

Assim que pensamos em qualificar um espaço, o conforto estará sempre presente por ser um resultado da satisfação interior e pessoal de cada indivíduo. Como é variável, ou seja, nem todos encaram este conceito da mesma forma, assim como diverge de cultura para cultura, não se pode generalizar, o que torna o conceito difícil de definir.

*“(...) o conforto é, ao mesmo tempo, algo simples e complexo. Ele inclui diversas camadas transparentes de sentidos – privacidade, bem-estar, conveniência –, alguns mais profundos do que os outros.”<sup>9</sup>*

Para garantir o desenvolvimento dos indivíduos em certos ambientes, a forma de construir deve estar ligada à natureza e a qualidade que é aplicada em cada ambiente é condicionada pela forma como se constrói, por isso é importante que haja uma qualidade de construção.

A interligação e a convivência do indivíduo com o espaço é um segredo para assegurar o conforto nos espaços exteriores, ou seja, quanto maior a envolvimento e o interesse no local onde está, maior o seu conforto, proporcionando sensações importantes para o seu bem-estar. Embora por muito que o homem deambule pelos espaços exteriores, a sua privacidade e intimidade, tendo em conta as suas procuras, estará sempre no lar, esta será sempre uma condição inerente do que o ser humano deseja.

O que existe de diferente entre o interior e o exterior é nos dado através da marcação de um limite, um delineamento onde surge uma mudança. Assim caracterizamos as transições de interior-exterior, como espaços intermédios entre o interior e o exterior, sendo que consideramos que ambos influenciam o ambiente.

O interior e o exterior são conceitos completamente distintos, tendo características diferenciadas. Tanto a privacidade como a intimidade são particularidades inerentes ao que o homem procura no interior de um espaço, sentindo a necessidade de se proteger do exterior no qual está envolvido.

*“O limite faz nascer o interior e o exterior.”<sup>10</sup>*

Por consequência, o limite vai de encontro à preservação dos bens encontrados no interior e este limite, ao qual podemos

---

9 RYBCZYNSKI, W. 1996. Casa: Pequena História de Uma Ideia, Rio de Janeiro, Record, p.236.

10 PINTO, Jorge Cruz. 2007. O Espaço-Limite, Produção e Recepção em Arquitectura, Coleção Arquitectura e Urbanismo, António Coelho Dias, S.A., Lisboa, p.23.

chamar momento de transição, tem um papel mediador na arquitetura de ambas as partes.

*“Assim, percebe-se a necessidade de o homem criar um espaço delimitado, onde se considere “dentro”, em relação a um “fora” que o rodeia e que se revela exterior.”<sup>11</sup>*

Quando praticamos arquitetura e criamos o interior e exterior, com eles advêm uma considerável quantidade de condições igualmente extraordinárias. São exemplo pequenos asilos ou passagens quase impercetíveis entre interior e exterior, o que exige um profundo conhecimento do local e uma sensibilidade momentânea para quando enfrentamos estes momentos, que fazem parte de um conjunto de sensações repentinas de quando se está involucro e tudo o que está à nossa volta nos reúne e nos segura. Considero que existe um jogo entre o público e o privado e talvez entre o individuo e a multidão, questões importantes para um fundamento de uma boa arquitetura.

*“O espaço é por natureza ilimitado, invisível e intangível, dependendo a sua conformação da manipulação intencional do limite desenhado, construído ou percebido. (...) A arquitectura vê-se assim, como a arte de delimitar e conformar o espaço habitável.”<sup>12</sup>*

Embora sejam conceitos completamente distintos, por vezes não é completamente perceptível a diferenciação entre o interior e exterior. A barreira que os separa pode ser apenas enunciada, não sendo transmitida através de uma condição material, levando a uma continuidade espacial onde interior e exterior se intersejam, o que pode ser mais ou menos evidente e condicionado por vários fatores, dando origem a uma maior e contínua idade espacial.

*“A percepção visual, ou imagem que temos da inter-relação entre um interior e um exterior é um factor importante para a identidade e qualificação de um espaço e para a forma como nos sentimos nele”<sup>13</sup>*

---

11 BACHELARD, Gaston. 2003. A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo, p.24 e p.25.

12 PINTO, Jorge Cruz, O Espaço-Limite, Produção e Recepção em Arquitectura, Coleção Arquitectura e Urbanismo, António Coelho Dias, S.A., Lisboa, 2007, p. 21.

13 PERNÃO, João 2012. A Cor como Forma do Espaço Definida no Tempo: Princípios Estéticos e Metodológicos para o Estudo e Aplicação da Cor em Arquitectura e nas Artes. Tese de Doutoramento. Lisboa: FAUTL.



**Fig. 6- Fernando Távora, Quinta da Conceição “Interior/Exterior”**



**Fig. 7- Fernando Távora, Quinta da Conceição “Interior/Exterior”**

A diferenciação entre estes espaços, ou seja, o momento de transição entre eles, pode ser mais ou menos perceptível e contempla qualidades espaciais e sensoriais distintas. Em certos casos, a passagem corporal pode ser feita num momento diferente da passagem sensorial, no entanto, num momento em que se entra num espaço, instantaneamente se identifica a sua qualidade.

O homem tem várias maneiras de olhar para as coisas, o olhar do arquiteto treina-se e, ao longo dos anos, melhora. Deve ser futurista e a maneira como ele vê e lê o exterior influencia o modo como o interior é feito, querendo mostrar o que se passa na parte de fora, imaginando uma pessoa sentada a olhar por uma janela, observando o exterior, a cidade, ou algo que, por muito longe que esteja, parece que está a seus pés. Não é ao acaso que o arquiteto projetou a janela dessa forma, ele antes olhou e pensou o que seria o exterior a partir do interior. Muitas das vezes são estas aberturas, no caso, janelas, que representam as transições interior-exterior e vice-versa. Ou como Hertzberger enuncia, o momento chave para a conexão entre ambas as áreas, aquele que chamamos o momento de transição, pode ser o simples toque na pedra de soleira. No entanto na situação inversa, quando uma pessoa olha de fora para dentro, a fachada tem a mística de esconder algo que esta no interior.

Como tal, será no encontro destas descrições que o trabalho de Torre de Moncorvo será realizado, em vista a proporcionar uma interação do homem com o espaço de modo a garantir que este se sinta bem tanto no interior como no exterior. Neste trabalho comprometo-me também a relacionar diferentes tipos de passagem, criando sensações distintas, apresentando vários casos de estudo que possam proporcionar melhores condições de vivência do espaço e das transições.

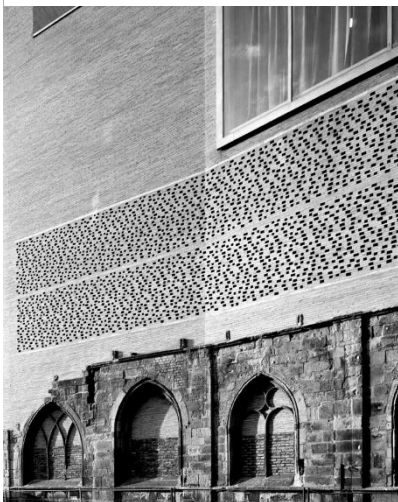
**Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**

2.4 | Materialidade e Água na Arquitetura e no Desenho dos Espaços Exteriores



**Fig. 8 - Peter Zumthor, Museu Kolumba, Vista Interior**

*“Se, em termos de experimentar arquitetura, nós aceitamos as limitações dos desenhos, simulações em computador e modelos à escala, de seguida, a arquitetura precisa ser construída de modo a ser vivida. Isto significa que tem que ser criada a partir de materiais particulares. Quando considero o projeto de um edifício, eu preciso no início, ou pelo menos pouco tempo depois, de me preocupar com a seleção dos materiais a serem utilizados na construção. Isto é especial para os materiais que vão ter uma influência sobre a aparência e organização espacial. É então mais significativo se escolher alvenaria exposta, sem acabamento ou painéis de aço inoxidável como material de compartimentação. Isso é diferente de, escolher um material que seja à prova de humidade. Em graus variados os materiais são parte necessária do pensamento arquitetónico”<sup>14</sup>*



**Fig. 9 – Peter Zumthor, Museu Kolumba, Vista Exterior**

O papel dos materiais na arquitetura é extremamente importante, embora esse facto seja evidente, existem poucas investigações de como a materialidade possa influenciar a atividade de projeto. O modo como são escolhidos os materiais pode influenciar toda a ação do homem no espaço, as tecnologias construtivas a utilizar, a execução, as condicionantes que cada material apresenta e como conjugar diferentes materialidades, são alguns dos fatores que motivam reações diferentes do homem no espaço.

A exploração da materialidade está associada aos estudos primários da formulação de projeto espacial, que está diretamente relacionado com as primeiras características escolhidas e trabalhadas pelo arquiteto.

*“Colocamos as coisas de forma concreta, primeiro mentalmente, depois na realidade. E vemos como reagem umas com as outras. E todos sabemos que reagem umas com as outras! Materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único”<sup>15</sup>*

Conciliar materiais pode ser um dos segredos da boa arquitetura, a maneira como se interligam e recriam espaços são fundamentais, e como se podem conjugar de maneiras infinitas podem levar a entendimentos completamente diferentes dos espaços. Um material rochoso como o granito pode ser polido, limado, serrado, furado ou cortado e será sempre diferente. A

<sup>14</sup> BRAWNE, Michael. 2003 Architectural Thought: The Design Process and The Expectant Eye. 1 nd ed. Oxford: Architectural Press, p.190

<sup>15</sup> ZUMTHOR, P. 2006. Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, SL

questão das quantidades também se torna importante na afinidade com arquitetura, visto que nem todos os materiais têm a capacidade de criar um ambiente onde nos seja possível sentir bem e onde estejamos confortáveis, no espaço, quando utilizado em larga escala ou em situações que apenas serve como apontamento. Também a relação de proximidade entre materiais se torna importante na sua escolha, na medida em que pode existir um ponto em que estão demasiadamente afastados ou outro em que estão demasiado próximos e deixam de fazer qualquer sentido. Existe uma infinidade de possibilidades para cada material e quando conjugado com outro, é importante que soem como um conjunto, testá-los realmente no local e vê-los expostos à luz, parar e prezar o momento e aí teremos uma noção da qualidade do espaço.

É através da escolha de materiais e da sua utilização que determinamos o que queremos, determinamos o que é mais importante ou o que não tem tamanha relevância. A matéria seduz-nos a olhar e o momento de caminhar de um local para o outro racionalmente obriga-nos a pensar sobre tudo.

*“Achamos muito importante criar um certo “vaguear livre” não conduzir, mas seduzir. Por exemplo, um corredor de hospital: condução. Mas também existe a sedução, o deixar andar, o vaguear (...)”<sup>16</sup>*

A recriação de um espaço pode contar uma história de tempos específicos da sua existência e pode ser influenciada por um contexto espacial diferente, recorrendo a um determinado tempo com um padrão sociocultural particular. Uma vez construído, dá lugar a vivências, contatos sociais, comunicações e transmissão de ideias, que se refletem através da redefinição do meio envolvente.

Para ser compreendido o desenvolvimento do projeto de forma completa, implica que sejam levantadas informações e considerações, não apenas em termos funcionais e espaciais, mas também no sentido da seleção dos materiais e técnicas construtivas.

Nos últimos anos, a produção de materiais utilizados para construções tem proporcionado discussões quanto às novas tecnologias construtivas, bem como a gestão de recursos. Hoje em dia a construção é uma das maiores causas da falta de recursos, o que deve ser melhorado com urgência.

Neste trabalho será tido em conta para a escolha da materialidade a interação do espaço com o homem e o toque dos materiais, em especial atenção aos pormenores da relação direta com o homem, a água e com os materiais existentes, criando espaços de harmonia.

---

<sup>16</sup> ZUMTHOR, P. 2006. Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, SL

*“(...)pode-se ter perdido um porto, um nó ferroviário, um entreposto comercial ou um complexo industrial. Isto é, pode-se ter perdido uma relação com a água que era, sobretudo, uma relação eminentemente funcional. Entretanto ganhou um novo centro financeiro e de negócios, um teleporto, um pólo hoteleiro e turístico, um amarina, um oceanário, um parque temático, uma área de lazer e de fruição lúdica e cultural, uma imagem de cosmopolitismo e modernidade combinando referências e contextos locais com estilos internacionais e soluções repetidas(...)”<sup>17</sup>*

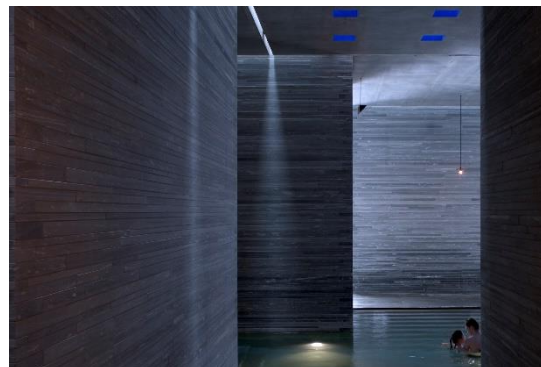
A água, a sua utilização e gestão são realidades complexas, mas essenciais e determinantes para a sustentabilidade local e global. A água é uma componente ambiental, importante para a preservação de ecossistemas e um recurso de grande relevância social.

A utilização da água na arquitetura data do tempo da antiga Grécia, onde as fontes eram consideradas sagradas. Durante o império bizantino, a água era considerada um símbolo de força, vida e civilização e era considerada um elemento fundamental para o paraíso. Mais tarde, a sua utilização foi imposta para quebrar o ritmo da monotonia dos materiais pesados, exemplo da pedra, utilizados por artistas ou arquitetos.

Ao longo do tempo, a cidade foi progressivamente abandonando, esquecendo e rejeitando a sua presença e o seu uso foi-se perdendo, sendo apenas considerada como fronteira ou algo que limita o espaço.

Hoje em dia, na arquitetura contemporânea, a água vem assumindo um papel mais relevante, assim como as plantas, a água é um elemento que varia consoante as condições climatéricas e lumínicas e é capaz de criar um conjunto variado de efeitos, exemplo de cascatas ou de espelhos de água, tal como consegue ativar os sentidos de cada indivíduo, melhorando a sua relação com o espaço.

Serão estes, portanto, os princípios pelos quais vou conduzir a minha intervenção nos espaços exteriores, recorrendo ao recurso da água.



**Fig. 10-** Peter Zumthor, Termas de Vals foto de Fernando

17 PORTAS, N. 1996. Cidades e Frentes de Água. Porto: FAUP Publicações, p.10

**Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**

### 3 | REFERÊNCIAS

#### 3.1 | Palácio Nacional de Queluz

##### 3.1.1 | Contextualização Histórica

A Quinta de Queluz foi doada a D. Pedro II, que idealizou as obras na casa de campo que tiveram início no ano de 1747, tendo sido terminadas no ano de 1760, altura do seu casamento com a rainha D. Maria I. O projeto foi concebido para uma ampliação dos edifícios, pretendendo transformá-lo num dos palácios com os jardins mais grandiosos da Europa. O Palácio e os jardins foram idealizados para funcionarem como um todo, isto é, os jardins passariam a ser um prolongamento dos interiores palacianos e do requinte dos seus acontecimentos. Queluz criava assim um espaço alegre de despreocupada ociosidade, longe dos formalismos da corte lisboeta.

A construção do palácio e seus jardins compreendeu várias etapas, uma primeira fase entre 1747 e 1758, coordenada pelo arquiteto Mateus Vicente de Oliveira, outra entre 1760 e 1786, orientada pelo antigo ourives Jean-Baptiste Robillion, que proporcionou desde logo uma mudança estética relativamente ao antigo arquiteto, muito embora ainda supervisionasse os trabalhos. Foi com Robillion que o requinte, o brilho e a grandiosidade chegou a Queluz, foi através dos seus saberes de arquitetura e ourivesaria que os espaços enriqueceram. A terceira e última fase do projeto coube ao arquiteto Manuel Caetano de Sousa, entre 1786 e 1792, mas só se dedicou praticamente à construção do Pavilhão de D. Maria.

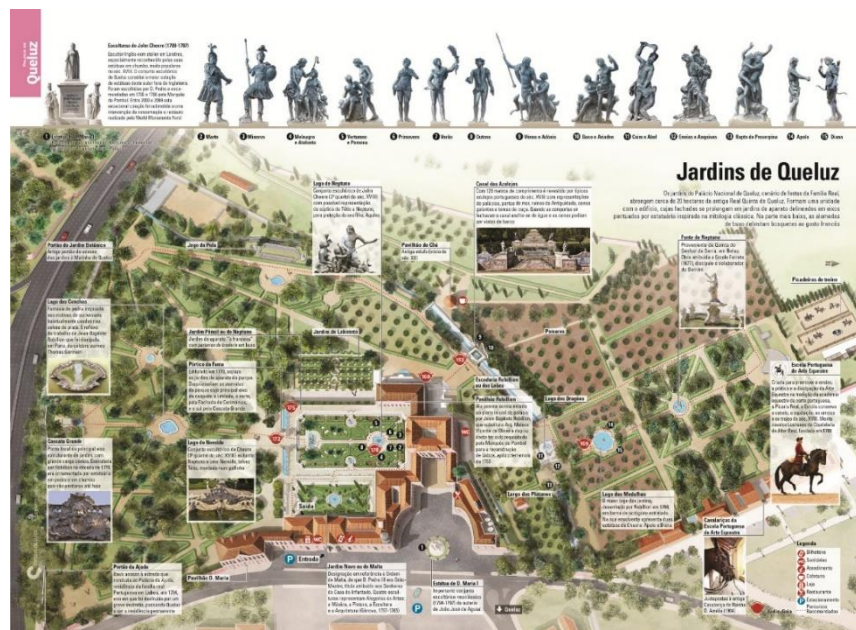


Fig. 11- Jardins do Palácio de Queluz



### 3.1.2 | Jardins do Palácio

Os jardins estruturados à moda francesa, Jardim Pênsil, que fica de frente para a fachada de cerimónias e o Jardim de Malta, que é o prolongamento da sala do Trono foram enriquecidos por estuárias de casais amorosos da mitologia clássica, das estações do ano e de alegorias às artes. Os principais lagos tinham representações de temas aquáticos. Notória a importância da transição do Jardim Pênsil para o por um cavalo alado, uma alegoria de Fama, personagem da mitologia incumbida de divulgar as notícias.

*“(...) grandes arcos, adornados com flores e letras e outras fantasias para a frontaria do palácio, jardins, lagos e cascatas. (...) o fogueteiro Manuel de Sousa fez 150 dúzias de iluminações, 14 dúzias de estrelas, 8 dúzias de repuchos de flores, 10 repuchos de brilhantes, 100 brilhantes do ar, 12 dúzias de pistolas, 60 dúzias de morteiros e 200 bombas do ar. Para a iluminação do jardim, Francisco da Costa carvalho fez 98 lampiões grandes, 128 lanternas pequenas e 130 casoletas redondas para cabo (...)”<sup>18</sup>*

Como já antes referido, o jardim opunha a natureza selvagem ao simbolismo da cultura, numa conjugação entre vegetação/água e pedra, através de imaginações artificiais sem limites, o jardim era o palco de excelência para celebrações barrocas.

Na procura da novidade e da surpresa, as festividades barrocas não estariam completas sem a presença de pavilhões e construções efémeras profundamente enfeitadas como era tradição do estilo, característica vinda da inspiração na escola chinesa, destacando a Casa da Música e a Casa Chinesa, localizadas na zona central do canal e usadas maioritariamente para atuações musicais, todo o luxo à sua volta proporcionava



**Fig. 13-** Lago de Neptuno, Jardim Pênsil

<sup>18</sup> FERRO, M. I. 2009, Queluz: o Palácio e os Jardins. 2ª edição, IMC-Scala Publishers: Londres.-

aos presentes pausas revitalizantes e refrescantes para todas as atividades existentes.

*“ (...) cascatas e fontes jorravam abundantemente. Mil alegres jactos de água regavam ricos e maciços loureiros e limoeiros fazendo sobressair todos os perfumes, como sempre acontece quando a água se encontra bem conduzida. Por entre as moitas, que recebiam uma ténue luz de velas de cera colocadas rente ao solo sob vidros foscos, as ninfas que acompanhavam a infanta, ligeiramente vestidas tal como a sua real ama, iam e vinham como relâmpagos, visíveis num momento, invisíveis no outro, rindo, tagarelado com vozes cristalinas muito musicais (...)”* 19

Os espaços de transição começam a ganhar importância. Existe uma ligação direta entre a movimentação das pessoas e o percurso da água. Os espaços eram idealizados e o movimento incessante da água surgia de formas diversas, desde a queda em cascata, aos grandes canais navegáveis como o Canal de Azulejos, até aos pequenos repuxos dos lagos, que refrescavam o ambiente. O som da água torna-os mais suaves e agradáveis. A diversidade da forma como a água aparece, junta-se os jogos de luz, os repuxos e ainda à música, estes, contribuem fortemente para a teatralidade desejada.

Diversas estruturas foram utilizadas para o aparecimento da água nos diferentes jardins, sendo a grande cascata do palácio o maior exemplo de edificação cenográfica, apenas possível pela abundância de águas na região, feita com pedra vinda de Cascais, foi inspirada nos teatros de água dos jardins italianos do barroco, esta marca o limite dos bosquetes dos jardins e está a uma altura suficiente para impedir as vistas para fora do bosque. A água sai de diversos orifícios e era a parte mais exuberante de todos os jogos. Na parte superior existe um reservatório delimitado por uma varanda. A cascata não chegou intacta aos dias de hoje, embora ainda existam duas aves que fazem de repuxo em memória de Apolo, sabe-se ainda que era decorada com estatuárias de chumbo e mármore.

O Canal de Azulejos, talvez a maior obra do estilo rococó dos jardins de Queluz, extremamente luxoso, demonstra a importância que o azulejo tinha como elemento ativo e criativo na decoração dos jardins desse período.

O trabalho de cantaria que hoje em dia está em vias de extinção por ser demasiado caro e trabalhoso está presente em

---

19 BECFORD, W. 1835. Alcobaça e Batalha. Recordações de Viagem. Seen in: Ramalho, M.M. 2011. O Palácio Nacional de Queluz. p. 82. IMC/Quidnovi: Lisboa.

todo o palácio de Queluz, no Lago das Medalhas, esse trabalho está presente tanto na moldura como no elemento central. O lago tem a forma de uma estrela octogonal com os cantos cortados por bacias e, no centro, existe um conjunto de figuras em chumbo com a forma de meninos cavalgando em golfinhos e dragões.

Seguindo para a fonte de Neptuno, situada no jardim pênsil, foi primeiramente encomendada para o palácio da Anunciada, mas acabou por ser vendida para os jardins de Queluz, este também composto por um conjunto de estatuárias dignificam o eixo do jardim.

Para a decoração dos jardins contribuiu a arte onde os Romanos cortavam e tornavam o arbusto num elemento escultórico. Encontravam a inspiração na informação recolhida dos desenhos italianos, os buxos talhados e os parterres, canteiros de flores ou outras plantas, delimitados por sebes baixas ou muretes de pedra de proteção dos leitos florais interiores, este último elemento revela grande importância, na medida em que está sempre presente nos jardins formais onde Queluz se insere. A presença de hortas e pomares surge naturalmente, sendo uma característica dos jardins tradicionais portugueses, e não só, já que a existência de uma horta idealizada fazia parte da tratadística do século XVII, em Queluz, a chamada Horta do Príncipe pode ter sido utilizada na educação dos príncipes, pressupostos que Queluz manteve, surgindo como um espaço simultaneamente renovador e conservador.



**Fig. 14 – Cascata Grande que finaliza o percurso dos jardins**

O Jardim Botânico de Queluz tem funções distintas das dos Jardins Botânicos da Ajuda e de Coimbra, bem ao gosto da curiosidade intelectual do pensamento iluminista, é um reflexo do prazer de D. Pedro e também da família real, composto por plantas exóticas vindas do vasto Império, principalmente pelo ananás, cujo cultivo parece aqui ter tido um especial cuidado, hoje em dia o jardim foi transformado no Picadeiro de apresentação da Escola Portuguesa de Arte Equestre.

Os jardins, que na primeira metade do século XVII se encontravam mais permeáveis a novas linguagens estéticas, enquanto as habitações mantinham modelos arquitetónicos tradicionais, apesar de em Portugal os formalismos rígidos encontrados nos jardins europeus dos séculos XVII e XVIII não terem sido aplicados, senão pontualmente. Ao mesmo tempo apresentando aspetos conservadores e inovadores, como se viu, o Palácio de Queluz e os seus Jardins surgiram da vontade de D. Pedro, que idealizou e fez concretizar um projeto que nasceu no seguimento desta evolução de costumes e gostos e foi fruto do seu profundo conhecimento dos novos ideais artísticos que varriam a Europa, preconizados na tratadística da

## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

época e dos quais se encontrava perfeitamente imbuído, resultando num espaço, que ainda hoje, apesar da erosão do tempo, é um símbolo por excelência da vivência e gosto setecentistas.

A escolha deste caso de estudo deve-se a qualidade que existe nas transições deste Palácio, conhecido por ser um dos primeiros exemplo onde as foram pensadas as relações de Interior/Exterior. É um exemplo de harmonia entre paisagem e arquitetura palaciana em Portugal, onde existe um percurso de água que nos acompanha ao longo dos jardins.

## 3.2 |Praça 8 Maio, Coimbra

### 3.2.1 |Introdução ao Caso de Estudo



**Fig. 15 – Cartografia de Coimbra de 1834**

A praça 8 de maio, que se localiza na zona ribeirinha da cidade de Coimbra, é considerada uma referência arquitetónica e identitária do local, assim como parte integrante do quotidiano dos seus habitantes, quer a nível cultural, quer a nível social. A igreja de Santa Cruz, como um dos principais monumentos do país, pela arte que espelha e pela sua história, é contemplada e monumentalizada no local.

O transbordo consecutivo das águas do rio Mondego e os consequentes depósitos de terra para compensar a altura das ruas e da “Baixa”, deram origem a uma desagregação na altitude da Praça relativamente ao Mosteiro de Santa Cruz, o que modificou as ligações do Mosteiro com a cidade e a época burguesa.

O arquiteto Fernando Távora propôs em 1993 um conjunto de soluções urbanas que desenvolveu no âmbito de requalificar o espaço público, nomeadamente denominados de projeto de “Arranjo Urbano da Praça 8 de Maio” e plano da zona do “Bota-abaixo”, que tinham como objetivo principal o resgate e a recuperação da praça que está de frente para o antigo Mosteiro. A sua ideia centrava-se em redesenhar o espaço público, modificar e restabelecer os trajetos e os traçados da praça, de forma a enaltece-la e, consequentemente, valoriza-la, assim como ao monumento.

No decorrer do seu plano de atividade, o arquiteto expõe questões relacionadas com a ilegitimidade em ações de demolição, por perda ou danos irreversíveis no tecido urbano antigo com origem na época medieval. É, portanto, necessária uma articulação entre os planos de desenvolvimento com a preservação do património já existente.

### 3.2.2 |O Mosteiro de Santa Cruz e Área Envolvente

Construído nos arredores dos muros da cidade medieval, acima do rio Mondego e na extensão do Vale da Ribeira, está o Mosteiro de Santa Cruz, que espelha a arquitetura religiosa do século XII.

A cidade começou a expandir-se em direção ao rio, visto que os limites do Mosteiro impediam o crescimento a norte. Como tal, as construções/edifícios foram-se distendendo da Alta para a Baixa da urbe, originando uma combinação heterogénea

entre dois ambientes, o rural e o urbano. A Praça 8 de maio surge assim como um dos principais meios de desenvolvimento económico, social e religioso da cidade.

A fachada da Igreja de Santa Cruz, arquétipo românico coimbrão (séc. XII), onde estão sepultados os primeiros reis de Portugal, rege o lado Leste da Praça com a sua majestosa fachada em calcário da região (Pedra de Ançã). “As sucessivas intervenções artísticas dos séculos XVI e XVII alteraram-lhe a fachada, acrescentando-lhe decoração e um pórtico que constitui um corpo único e singular sobre o lago. As primeiras devem-se ao cinzal de João de Rulão e de Nicolau de Chanterenne”. “O quadro” que atualmente contemplamos é proveniente do período de D. João III, cujo portal em pedra branca da Ançã foi levantado por Diogo de Castilho e Nicolau de Chanterenne e, ulteriormente, o pórtico esculpido pelo artista barroco José do Couto. Pela Praça passava “o tráfego que ligava, pelo litoral, o norte ao sul do país, cruzando o Largo da Portagem e percorrendo [a rua Coruche] até Santa Cruz, e daí à saída pela rua da Sofia, prolongando na rua das Fora de Portas. Era este o caminho urbano da estrada real, na ligação de Lisboa com o Porto e por aqui passavam as carruagens ao serviço da mala-posta.

Em 1866 expandiu-se aproximadamente 10 metros da rua na entrada do Sul, visionando a resolução dos problemas de congestionamento devido à circulação pela Estrada Nacional. Estas alterações enfatizaram a importância central da Praça, na medida em que foram, também, desapossados habitantes e demolido um determinado número de edifícios, redesenhando um novo eixo viário, nomeadamente a artéria Visconde Luz.

Na época do Estado Novo, idealizaram-se inúmeros projetos, com o propósito de reorganizar, regenerar e renovar a zona baixa de Coimbra, que não se realizaram, segundo processos de arrasamento do tecido urbano existente.

### 3.2.3 | O passado da Praça 8 de Maio

As alterações realizadas a propósito do alargamento da rua Visconde Luz estabilizaram os limites da Praça 8 de Maio na segunda metade do século XX. Os dois edifícios na parte Sul, conjugados com a extensa e espaçosa rua contornada pelas construções provenientes do movimento novecentista, pavimentos alcatroados e calçada portuguesa nos passeios, originaram uma atração contínua da população, transformando a Praça num núcleo económico da cidade, também relacionado com a sua centralidade e a sua posição estratégica relativamente ao complexo viário nacional.



**Fig. 16 - Igreja de Santa Cruz, Praça 8 de Maio, início do século XX**

## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

A Igreja de Santa Cruz, do lado Este da Praça, encontrava-se numa cota inferior à da rua, que estava aproximadamente 1,30 metros acima da soleira do edifício católico. Para aceder ao seu interior havia oito degraus, escudados por um gradeamento em ferro e seis pináculos de pedra que determinavam e destacavam as entradas para a igreja.



**Fig. 17 - Praça 8 de maio no início do século XX**

A Praça em meados de 1900 era, portanto, desnivelada, composta por calçada portuguesa e marcada por dois canteiros de palmeiras a separar a via do confronto com a baixa e o quiosque no lado Sul. A configuração foi alterada nos anos 40, salientando a diferença a meio da praça com a conceção de um talude de meia circunferência, com gradeamento a meia altura onde estavam inseridos os candeeiros de iluminação pública. Nos extremos o acesso pedonal, por escadas a sul onde estava o quiosque, e automóvel de nível a norte.

De acordo com o levantamento executado no âmbito do projeto do arquiteto Fernando Távora, a Praça, em 1990, mantinha-se separada na cota entre o afluente viário nacional e junto à face Este, por uma área de cota menor que acolhia o fluxo que advinha das ruas do antigo núcleo da Baixa, nomeadamente das ruas Direita, da Louça, do Corvo e da Moeda. A salientar tal separação, um talude de impacto inferior que o de 1940 e estendia-se dois terços para dentro da praça. Perpetuava a lógica de acesso entre cotas, pedonal e por escada rente ao edifício de topo na face sul e permitindo a passagem em declive ligeiro o tráfego automóvel na face oposta. O pavimento era generalizado o betuminoso, sendo que junto aos edifícios predominavam os passeios irregulares de calçada à portuguesa.

### 3.2.4 |Planeamento da Intervenção

O objetivo principal do projeto de “Arranjo da Praça 8 de Maio”, do arquiteto Fernando Távora, centrava-se na articulação do monumento e da sua importância com o meio urbano envolvente. Desta forma, propôs-se uma reavaliação e redefinição da ligação entre as ruas Visconde Luz e Sofia que foram pedonalizadas e um ajustamento da cota da Praça para o nível da Igreja.

Como tal, *“reconstitui-se não apenas o valor do seu espaço inicial bem como a leitura da Igreja de Santa Cruz referencia às ruas Direita, da Moeda, da Louça e do Corvo que aí afluíam frontalmente à fachada do monumento. A leitura tangencial da Igreja pelo eixo Visconde da Luz – Sofia é agora substituída pela leitura ortogonal daquele conjunto de ruas da estrutura medieval”*<sup>20</sup>.

O espaço público foi organizado e fragmentado no projeto, a eixo da Igreja, por dois degraus, e no sentido longitudinal, numa *“separação do nível central dos dois níveis laterais a conservar (Câmara Municipal e Café Santa Cruz) por intermédio de muros de suporte, e a criação de duas rampas vencendo os desníveis agora criados”*<sup>21</sup>.

Foi utilizado *“o vidro branco e a pedra de ataija (cinzento/agulado, amelado/rosado) em revestimentos de pavimentos e o calcário de Coimbra em muros de suporte”*<sup>22</sup>.

Com o surgimento de uma nova zona urbana na área do “bota-abaixo” e inserida no respetivo Plano, ampliou-se a escala e o território da intervenção, definindo-se a descentralização e dinamização da Praça 8 de Maio aliada ao revigoramento do espaço deteriorado entre ambas. A finalidade do projeto seria evidenciar a ligação entre a Alta e a Baixa, alongando a rua Nicolau Rui Fernandes (avenida Sá da Bandeira) em direção ao Rio Mondego (avenida Fernão Magalhães).

No entanto o projeto revelou-se de difícil execução, levantando duras críticas da comunidade académica, nomeadamente do Professor Costa Lobo no Jornal de Coimbra, onde expõe a sua opinião e uma sugestão de melhoramento:

---

<sup>20</sup> TÁVORA, F. 1993. Memória Descritiva, Remodelação da Praça 8 de Maio, Porto

<sup>21</sup> TÁVORA, F. 1993. Memória Descritiva, Remodelação da Praça 8 de Maio, Porto

<sup>22</sup> TÁVORA, F. 1993. Memória Descritiva, Remodelação da Praça 8 de Maio, Porto

*“A ideia resume-se a tentar evitar as rampas “de tipo” propostas na solução que está em curso e os consequentes muros laterais que formam “baías” altas a um e outro lado da igreja, obrigando à inestética entrada da rua Visconde da Luz. É o que pode conseguir desistindo do eixo reto na via de construção e aceitando uma curva e contra curva que lança esse eixo mais para junto das ruas da Baixinha, como convém, e o afasta da fachada de Santa Cruz. Resultaria um largo mais amplo, de estadia, e, dos lados, muros de altura descendente, portanto menos agressivos para o desafio pretendido”<sup>23</sup>.*

### 3.2.5 | O Espaço em detalhe

O espaço público da Praça 8 de Maio provém da conexão entre o percurso pedestre que liga as ruas Visconde Luz e Sofia, influenciado pela Igreja de Santa Cruz e a convergência entre quatro vias afuniladas, nomeadamente as ruas Direita, da Louça, do Corvo e da Moeda.

Duas rampas formam o meio de transição entre a rua Visconde Luz e a rua Sofia, resolvem a distinção existente entre as suas cotas e a da praça e estabelecem uma ligação entre elas, prolongando um significativo eixo comercial, político e social. A diferença de cota formou também pequenos “átrios” frontais à Câmara Municipal e ao Café da Arcada, que permitem momentos de contemplação do espaço, o acesso aos edifícios confinantes e, pelo alinhamento dos seus limites, desimpedem a fachada da Igreja. A praça é praticamente nivelada com a cota da Igreja de Santa Cruz e é estruturada na relação entre o eixo da rua Visconde Luz e o da Igreja. O alinhamento da Igreja influencia o desenho do pavimento e posiciona a fonte a seu eixo, mas desalinhado com o transversal, enriquecendo o Monumento e encaixando-o num cenário decorativo apelativo à permanência e vislumbre de quem observa.

Para o revestimento dos pavimentos foi utilizada pedra calcária, de diferentes tonalidades e com uma estereotomia diversificada, e para as rampas foi aplicada pedra granítica rugosa para permitir maior segurança na circulação, visto que forma uma espécie de antiderrapante.

No espaço que se encontra de frente para a Câmara Municipal as características são distintas por ser espaço de transição entre a zona pedonal a nascente e a zona destinada ao tráfego automóvel a poente. O pavimento é representado por uma estereotomia com malha regular provido com pedra calcária irregular.



Fig. 18 – Vista da Praça 8 Maio



Fig. 19 – Vista da Praça 8 Maio

<sup>23</sup> LOBO, C. 1996, Jornal de Coimbra, p.8

### 3.2 5 | Fundamentação das alterações

O arquiteto Fernando Távora procurou restabelecer e enaltecer a relevância territorial da Igreja de Santa Cruz, tendo em consideração a importância temporal do seu pavimento. Como tal, reconstruiu e atualizou o espaço público envolvente, o que valorizou a sua estrutura social, edificada, mantendo o seu significado e grandeza histórica.

O arquiteto, no seu projeto, debruçou-se sob estratégias de organização do local, fomentando o valor apreciativo do monumento e do espaço em geral, gradualmente, padronizando os recursos, as alternativas, o material e o território, paralelos aos pontos urbanos que se encaixam nos percursos existentes ou nas propostas em desenho.

Aquando da supressão do tráfego automóvel da Rua Visconde da Luz e da criação de uma zona pedonal, surgiu um novo “passeio” que une o Largo da Portagem a Santa Cruz e *“a construção do prolongamento da rua Nicolau Rui Fernandes pelo interior do quarteirão até ao cruzamento com a avenida de Fernão Magalhães e ligação ao rio vêm provocar novas soluções de arranjo e recuperação da Praça”*<sup>24</sup>.

No “Plano da zona do bota-abaixo” demoliram-se e, conseqüentemente, construíram-se os edifícios propostos no projeto, excluindo-se somente a ligação da avenida Fernão Magalhães com a rua Nicolau Rui Fernandes. A potencialização da circulação urbana fez, desde sempre, parte da ideologia do projeto. Foi ainda planeada a ligação da Alta à Baixa da cidade, resolvendo um entrave urbanístico e fundacional da cidade e regenerado o espaço público, com a redução do fluxo viário na rua da Sofia, o que fez diminuir distúrbios no monumento. A centralidade da Praça 8 de Maio foi também vigorada.

O rebaixamento do espaço público para a cota inicial, ou seja, ao nível do monumento e a transformação da Praça e da Rua Visconde da Luz em zonas de acesso pedonal destacaram e relevaram a fachada da Igreja, que é elemento histórico e social, congruente com as ruas da Baixa- *“A leitura tangencial da Igreja pelo eixo Visconde da Luz – Sofia é agora substituída pela leitura ortogonal daquele conjunto de ruas da estrutura medieval”*<sup>25</sup>. O novo e amplo espaço público, que se assemelha a um rossio urbano ou adro de uma Igreja, é um

---

<sup>24</sup> TÁVORA, F. 1993. Memória Descritiva, Remodelação da Praça 8 de Maio, Porto

<sup>25</sup> TÁVORA, F. 1993. Memória Descritiva, Remodelação da Praça 8 de Maio, Porto

## Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

lugar de encontros e de pouso, assim como de acontecimentos e práticas sociais. O desenho atual enaltece a grandiosidade, a todos os níveis, da fachada da Igreja de Santa Cruz e permite aos habitantes, turistas ou curiosos o acesso fácil à contemplação do seu esplendor artístico e cultural. Dois muros de suporte e de rampas, a compensar as diferentes cotas, mantêm unidas as Ruas Visconde Luz e Sofia e permitem o acesso regular ao automóvel.

Relativamente aos materiais utilizados no projeto, nomeadamente no pavimento e muros de suporte, predominam os brancos e os cremes, mas lisos (vidraços), o que complica a locomoção nos dias em que o piso está húmido. Devido à objeção a este facto, foram aplicados nas rampas materiais rugosos de cor cinza que acabam por contrastar com o restante conjunto.

A escolha deste caso de estudo recorreu sobre a forma contemporânea como o Arquiteto entreviu, privilegiando a o momento da passagem para o interior da igreja. O momento de transição entre a praça e a igreja de Santa Cruz passou a ter um grande destaque o que anteriormente não era perceptível pela falta de qualidade do largo que existia.



**Fig. 20 – Panorâmica Vista de Frente para a Igreja**



## 4. |PROJETO DE INTERVEÇÃO NO ANTIGO ASILO DE TORRE DE MONCORVO E NA CAPELA DE SÃO FRANCISCO

### 4.1 |Contextualização Histórica e Geográfica



**Fig. 21 – Localização de Torre de Moncorvo**



**Fig. 22 - Conselho de Moncorvo**

Localizada a uma distância considerável das áreas metropolitanas de Lisboa (aprox. 400km) e Porto (aprox. 200km), pertence ao distrito de Bragança no Norte de Portugal. Torre de Moncorvo é uma vila portuguesa cuja sua origem remonta ao século XIII anteriormente chamado na época medieval de Santa Cruz da Vilarça. O ano de 1285 ficou na história de Moncorvo por ser erguido na vila o castelo e as suas muralhas, que foi concedido pelo rei D.Dinis numa carta de foral que possibilitou que a vila ganhasse prestígio. A região em si reconhecida pela sua fertilidade e abundância de produtos como a produção do linho cânhamo, lã e seda, do cultivo da vinha e azeite, a apanha da amêndoa e da exploração de ferro.

Moncorvo encontra-se praticamente isolado dos grandes movimentos turísticos, embora, seja detentor de vários pontos de interesse, como a barragem do baixo sabor, as pinturas rupestres de foz coa e também os cruzeiros do Douro, que são polos atrativos com grande potencial e podem contribuir para um aumento significativo do turismo na vila.

O complexo de edifícios que correspondem à nossa proposta, composto pelo antigo Asilo, erguido sobre as ruínas de um antigo convento da ordem franciscana e a Igreja do Convento de São Francisco, são construídos num período de grande desenvolvimento económico e urbanístico que se viveu no século XVI. A construção do convento data de 1569 e embora existissem dúvidas sobre qual seria a melhor localização para a sua construção, concluíram que o melhor seria adotar uma visão dominante sobre a vila e o vale da Vilarça, o que os levou a ergue-lo sobre a encosta da Serra do Reboredo. Este serviu para albergar um conjunto de frades da ordem franciscana.



**Fig. 24 - Convento e Capela de São Francisco de 1865**



**Fig. 23 – Asilo e Capela no início Séc. XX**

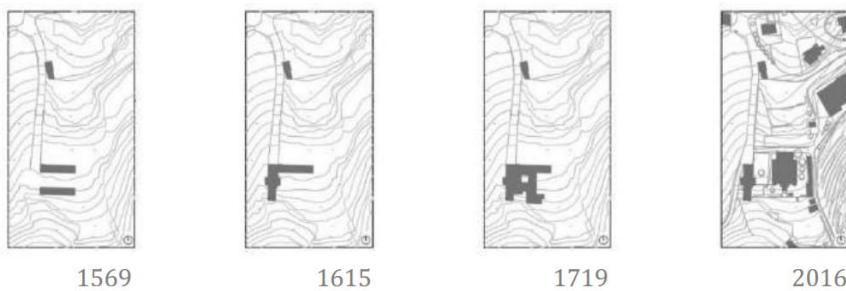
## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

A primeira alteração que existiu no convento data do ano de 1615, onde foi demolida a igreja e no seu lugar erguido um dormitório, proposto para a melhorar as condições higiénicas, pois estas eram precárias devido a uma péssima orientação.

A segunda intervenção de grande escala surgiu em 1719, no lugar da antiga enfermaria que ameaçava ruir, foi novamente construído um dormitório, mais amplo e em maior escala que servia melhor as necessidades de então. Após um período conturbado pelas invasões francesas e consequentes revoluções industriais, em 1837, já extintas as ordens religiosas masculinas em Portugal, o convento serviu de apoio e armazenamento de um quartel militar que combatia as invasões. Isto levou a que os bens que lá existissem tivessem sido confiscados como bens e armazenados numa fazenda nacional.

Após todo este conturbado período, foi demolido o antigo convento, dando origem ao Asilo. Relativamente à capela, a sua fachada barroca foi destruída por volta do século XX, não existindo qualquer consideração pelo património que albergava.

O Asilo da Fundação António Meireles, que hoje faz parte do nosso objeto de intervenção, foi edificado no ano de 1913 sobre as fundações antigas e inaugurado três anos mais tarde, 30 janeiro de 1916, que serviria para alojar crianças órfãs e idosos desalojados.



**Fig. 25 – Esquema da evolução do Convento, desde a sua origem ate à atualidade**

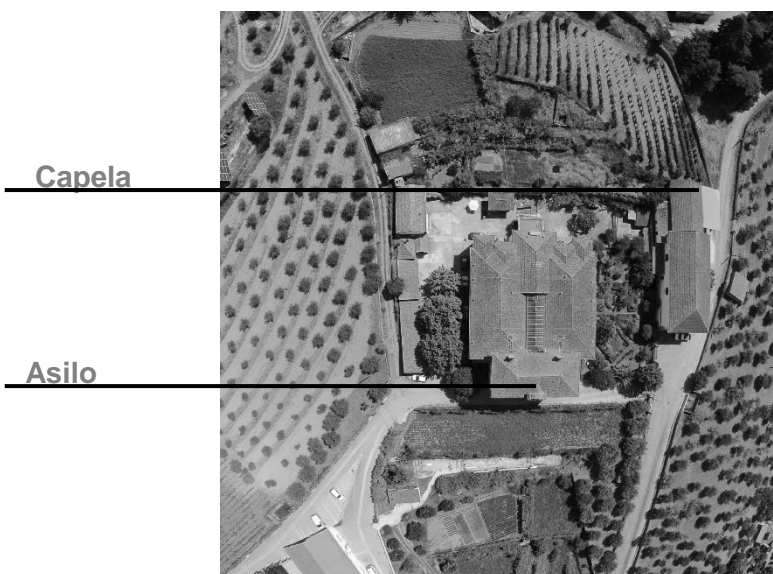
#### 4.2 | Análise e Descrição do Objeto de Estudo

O complexo edificado da proposta fica sobre a encosta da Serra do Reboredo, numa posição privilegiada em relação à vila de Torre de Moncorvo. Avistado do centro da vila, conseguimos perceber a imponência que em tempos teve, não só pela sua posição em relação à vila, mas também pelo seu estilo arquitetónico.



**Fig 26 – Posição do conjunto face à Vila**

Rodeado por vinhas oliveiras e amendoeiras, o acesso ao local é feito apenas por uma única rua, a Rua de S. Francisco, enquadrada de frente com a fachada principal da capela do convento. Os edifícios encontram-se orientados Nordeste Sudoeste.



**Fig. 27 – Acesso pela Rua São Francisco**

**Fig. 28 - Vista aérea dos edifícios da Intervenção**

#### 4.3 |Asilo Francisco António Meireles

O edifício do asilo é composto por quatro volumes que se interligam. O Volume frontal é composto por quatro pisos sendo que os laterais são apenas constituídos por dois. Destacando o corpo frontal, com duas entradas, uma dá acesso ao piso da cave (Piso-1), sendo a outra a principal entrada para o edifício acedida através de duas escadarias exteriores que levam à mesma entrada. Quanto à entrada tardoz, foi adicionada posteriormente e tem aspeto de ser uma “entrada de serviço” dando acesso à zona das antigas cozinhas (Piso 0) através de uma rampa em cimento. Nos corpos laterais é relevante referir duas entradas ao piso principal, paralelas ao alçado principal e acedidas através de duas escadarias metálicas, como também dois acessos ao piso da cave nas laterais dos volumes.



Fig. 31 – Plantas do Asilo (Piso -1 e 0)

É importante também referir que ao nível do exterior, o asilo prima pela sua imponência, os seus alçados estabelecem contactos visuais em todas as frentes, que revelam simetria e ritmo através de repetição de vãos.

A simetria que existe nas fachadas é também feita no interior do edifício, os corredores de circulação horizontal formam um pátio central que facilita a ventilação cruzada dos espaços em redor, bem como a sua iluminação. O pátio é coberto por uma estrutura de vidro e metal e possibilita uma maior regeneração do ar no seu interior, características de uma arquitetura higienista. A circulação vertical é feita através de um compartimento em cada corpo lateral.



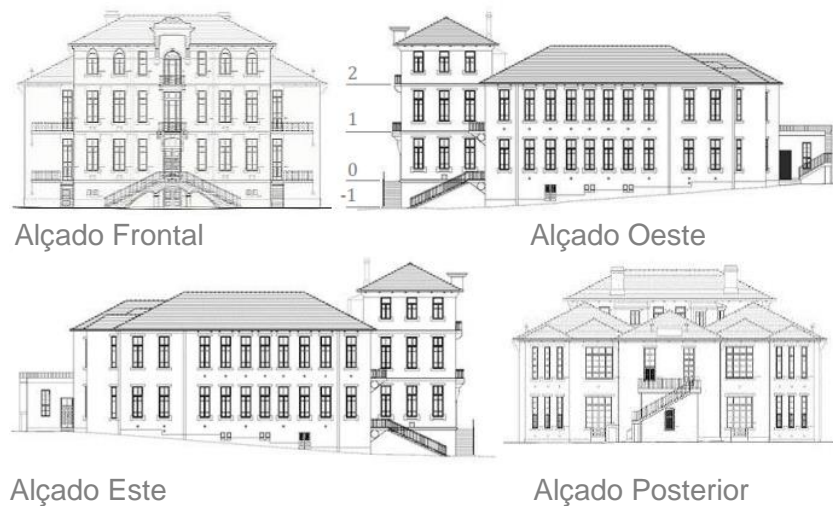
Fig. 30 – Portão do Complexo



Fig. 29 – Vista da Fachada Principal do Asilo

- Entradas de Serviço
- Entradas Secundárias (Cave e Piso1)
- Entrada Principal

## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior



**Fig. 32 – Alçados Existentes do Asilo**

Destinado a acolher crianças órfãs e idosos desfavorecidos, o edifício funciona da seguinte forma: as zonas administrativas ficam na zona frontal dos pisos 0 e 1, os dormitórios e salas de estar nas laterais, as instalações sanitárias e zona de serviços na parte posterior. O piso -1 é reservado a arrecadações, onde são guardados os produtos agrícolas.

O estado de conservação deste edifício é aceitável, tendo em conta que tem por volta de 100 anos e esteve ao abandono durante um tempo considerável. A estrutura mantém-se intacta, o que permite uma intervenção sem recurso a reforço estrutural. Os materiais existentes no interior como pavimentos em madeira ou paredes de tabique, embora apresentem alguns sinais de desgaste, são facilmente reparados.

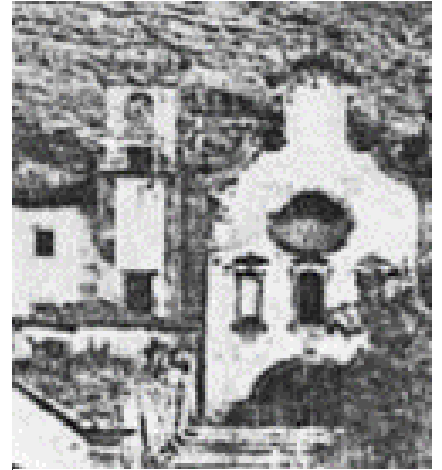


**Fig. 33 – Fotos de alguns Compartimentos do Interior do Asilo**

#### 4.4 | Capela do Convento São Francisco

Assim que começamos a subir a Rua de S. Francisco deparamo-nos com o alçado principal da Capela, em tempos um alçado barroco, bastante vistoso, constituído por uma entrada em arco abatido, três janelas numa parte superior e um óculo central. Hoje em dia o que encontramos são apenas vestígios do que teria sido essa grandiosa entrada, acabando por ter um alçado bastante simples composto por dois vãos exteriores e os cunhais em pedra.

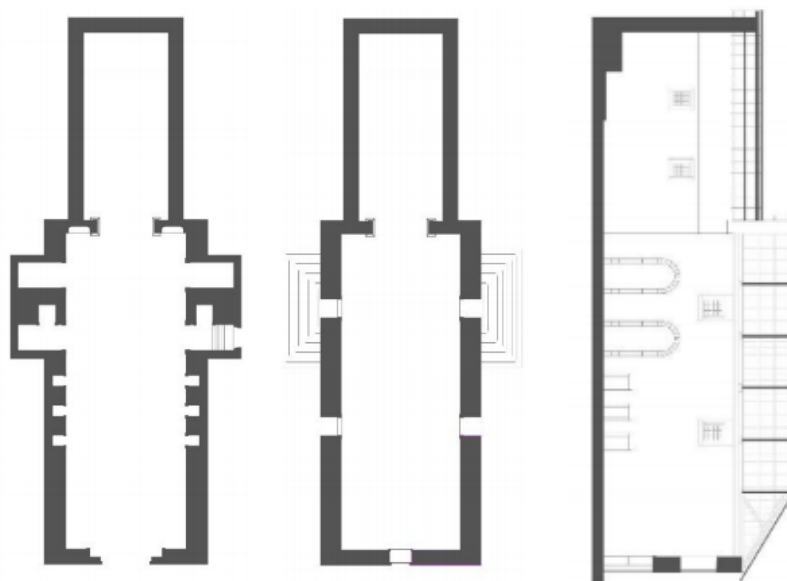
A Capela embora se encontre bastante modificada devido à passagem, anteriormente referida, do exército português nas batalhas contra o exército Napolitano é um dos poucos vestígios no local que ainda restam do antigo convento franciscano. Ao analisar em pormenor a capela, apercebemo-nos que foi significativamente alterada, embora o seu corpo principal se mantenha intacto. Conseguimos entender que mesmo dividida em dois pisos, é uma capela de uma única nave, tendo uma capela-mor na parte posterior, uma capela e três confessionários de cada lado eixo principal. A transição entre a nave e a capela-mor era feita através de um arco central em pedra de grandes proporções e dois nichos que, mais uma vez, só restam apenas sinais. Atualmente a capela é utilizada como garagem ou oficina dos serviços da Câmara Municipal.



**Fig. 41** – Capela de São Francisco Séc. XIX



**Fig. 43** – Alçado Atual da Capela



**Fig. 44** – Plantas e corte longitudinal do existente



**Fig. 42** – Vista de uma das Capelas Laterais

## Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

Devido ao sucessivo uso impróprio e conseqüente abandono, o convento encontra-se completamente descaracterizado, permitindo uma adaptação facilitada a um novo programa que pretende criar uma nova identidade, adaptada ao contexto atual.



**Fig. 59 – Interior da igreja, piso inferior**



**Fig. 60 - Capela-mor**



**Fig. 61 – Interior da Igreja, piso superior**

4.5 | Espaço Exterior

O Exterior do complexo é maioritariamente composto por terrenos cultivados, nos terrenos superiores, com melhor exposição solar, estão cultivadas as vinhas.



**Fig. 62 - Terrenos de cultivo na parte posterior**

O espaço compreendido entre o asilo e a capela, atualmente está desprovido de qualquer motivo de interesse, encontra-se apenas um jardim descuidado. Existindo a possibilidade de fazer uma investigação arqueológica, levantaríamos certamente vestígios do antigo convento franciscano.



**Fig. 63 - Espaço exterior compreendido entre a igreja e o asilo**

#### 4.6 | Programa

O protocolo assinado previa a definição de um programa a cargo dos alunos do Mestrado Integrado em Arquitetura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado no ano letivo 2014/2015. As propostas apresentadas foram surpreendentes, tendo um leque variado de propostas em diferentes tipos de abordagens. Isto é, alguns alunos tomaram caminhos diferentes, uns premiaram o lazer criando programas dinâmicos com atividades “outdoors” spas ou centros de “well care”, outros deram um maior ênfase à cultura optando por programas como escolas, centros de exposições ou enoturismo e por fim outros seguiram pelas linhas da educação e trabalho, executando programas como o espaço de “co-working”, auditórios ou centros de formação. No entanto, o edifício terá de ser capaz de responder tanto às necessidades dos habitantes da vila, como à restante população que nele habita em tempo limitado. Por se encontrar numa posição estratégica, pela história que representa e tendo em conta o objetivo para que foi proposto, ficará em destaque e tornar-se-á um ponto cultural e de lazer, conferindo à zona mais interesse e, inclusive, apresentar-se como solução na dinamização do município em que está inserido.

Após concluído do ano letivo de 2014/2015, foram recolhidas todas as propostas apresentadas e feita a sua análise, ficou acordado pelas entidades envolvidas que o tema escolhido seria um programa de Enotel & Spa.

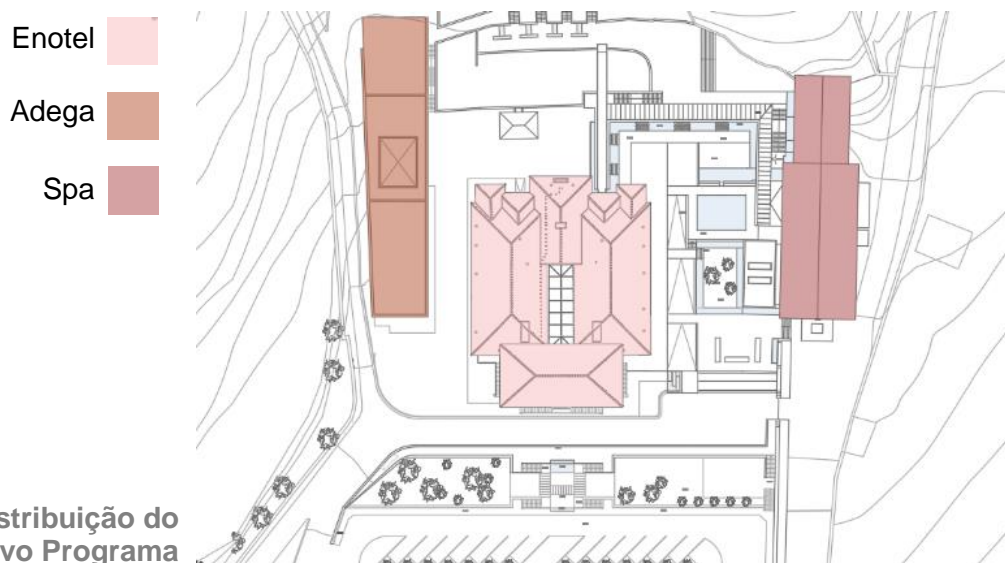


Fig. 64 – Distribuição do Novo Programa

## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

Ficou determinado que o edifício do antigo do asilo tinha como principal função a estadia temporária, bem como os espaços inerentes, como o restaurante, com apoio de uma plataforma exterior, privilegiando a proximidade com o jardim e servindo de esplanada para usufruir do ar livre. Sendo também possível o alojamento de diferentes faixas etárias.

A igreja seria o espaço reservado ao programa de Spa com piscina, saunas, salas de massagem e de terapias à base dos produtos da região. Agregado à capela seria adicionado um novo corpo contendo os balneários.

Seria construído um meio de ligação entre os dois edifícios que permitiria a passagem direta do Enotel até à zona de Spa, um passadiço exterior que, por sua vez, oferece um maior conforto para os utilizadores do espaço. Está previsto também a construção de um novo edifício ligado à produção vinícola no lugar dos antigos armazéns.

Foi programado um estacionamento que possa servir ambos os edifícios independentemente, como ambos pertencem a entidades distintas foi tido em conta que sirva ambos de igual forma, sem que seja necessário a realização de todo o projeto.

Para finalizar o conteúdo programático, foi realizado um conjunto de arranjos exteriores que permitem o usufruto da posição do asilo com pontos estratégicos de observação da paisagem e de pontos de interesse do espaço em si, sendo a água o elo de ligação entre estes elementos, um dos pontos mais fortes a ser explorados por este PFM.

A **“Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior”** será o tema aplicado ao projeto em questão.

#### 4.5 | Descrição do Projeto

O tema que escolhi incide na qualificação das transições de interior exterior e a minha proposta reflete-se em praticamente todos os pontos onde existe uma passagem para o exterior. Considerei essencial a eternização de alguns aspetos que fazem parte da história do local, como tal a água tem um grande destaque no meu projeto, lembrando a sua comercialização, por parte dos Monges. Para que haja uma linguagem comum na proposta, é necessária a interligação entre edifícios, através dos materiais utilizados, por exemplo. Qualificar essa comunicação é um dos principais objetivos deste trabalho.

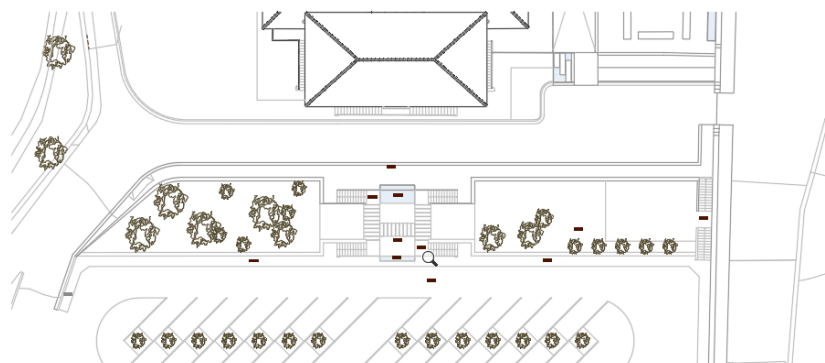
O projeto será aprofundado neste capítulo, mas devido à escala da intervenção, apenas serão explicitadas as principais mudanças ao nível das transições. O trabalho realizado pelos restantes elementos do grupo, David Tomé, Dina Bag, Madalena Furtado e Mariana Franco, que também integraram este protocolo, complementam o projeto de intervenção apresentado.

Os principais pontos de intervenção desta proposta foram:

A Transição entre a entrada principal e o estacionamento, a passagem entre o asilo e a capela, o antigo claustro e o jardim de água, e a conexão entre o novo edifício, a produção de vinho e a piscina exterior.

##### 4.5.1 | Transição entre a entrada principal e o estacionamento

Orientadas com o Alçado do asilo, são utilizadas para vencer a diferença de cotas entre o piso da cave e o estacionamento. A escadaria permite aos visitantes o primeiro contacto com a água no local e será inolvidável pela sua imprevisibilidade.



**Fig 72 – Relação das Escadas com a Fachada**

## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

Colocado numa plataforma inferior, o estacionamento encontra-se dois níveis abaixo da porta principal (Piso 1) e permite que as pessoas se mantenham relativamente próximas da entrada, sem que a vista sobre a vila seja obstruída por uma abundância de veículos estacionados. A própria natureza do terreno permitiu-nos que o aterro, feito para o arranjo exterior desta zona, seja mínimo.



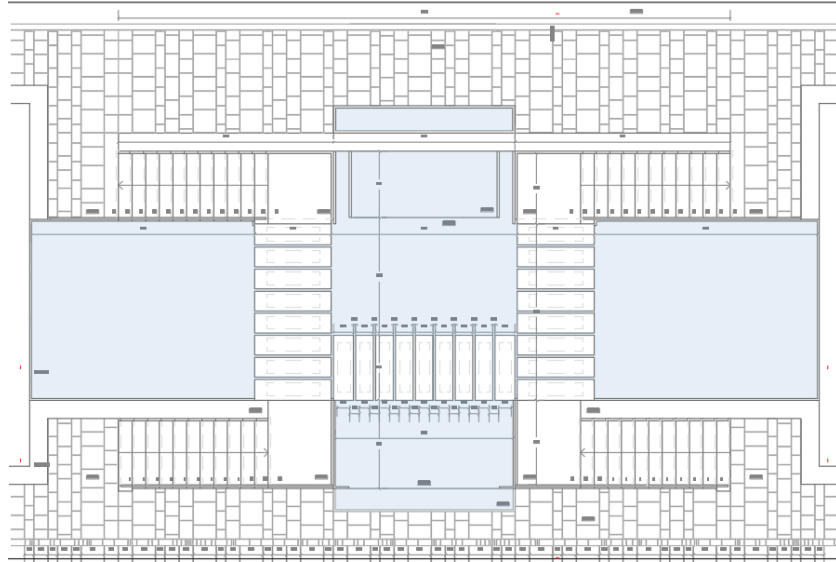
**Fig. 89 – Vista do Estacionamento**

É através desta escadaria exterior que é feita a transição entre o estacionamento e a entrada do Enotel. Desenhada com o intuito de transportar a memória das pessoas de Moncorvo ao interior do complexo, as escadas lembram o acesso entre a Praça Francisco Meireles e o Largo da camara municipal de Torre de Moncorvo.



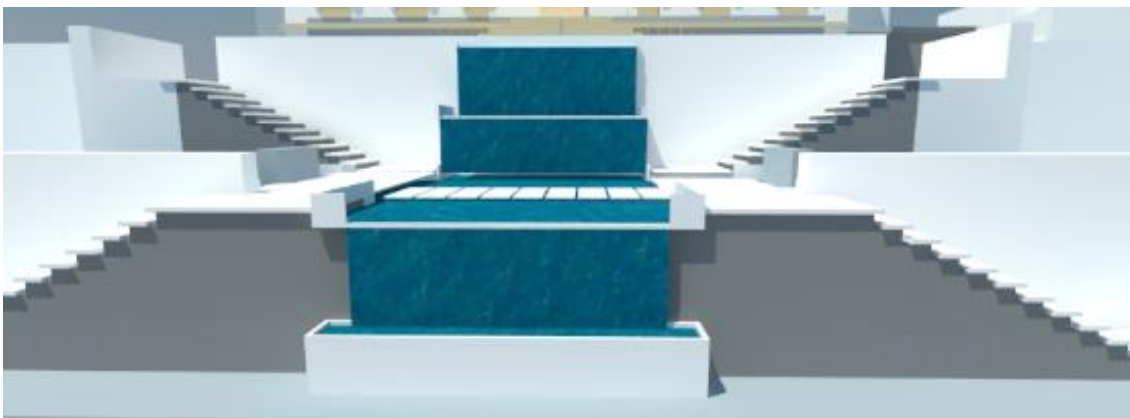
**Fig. 90 – Vista sobre a praça Francisco Meireles**

A escadaria é composta por dois lances, o primeiro que dá acesso a um jardim, fazendo-nos caminhar por lajetas de granito sobre água, encenando uma passagem bíblica e realçando o passado dos antigos monges da ordem franciscana e o segundo, não menos importante, que nos deixa de frente com entrada principal.



**Fig. 91 – Planta da escadaria**

Tanto da cota da entrada para o piso intermedio como do piso intermedio para a cota do estacionamento, ao centro, existe uma queda de água que nos ativa os sentidos. É importante realçar a constante presença da água, que embora corra no sentido oposto à direção de quem visita o complexo, acaba por nos conduzir quando pretendemos deixar o local.

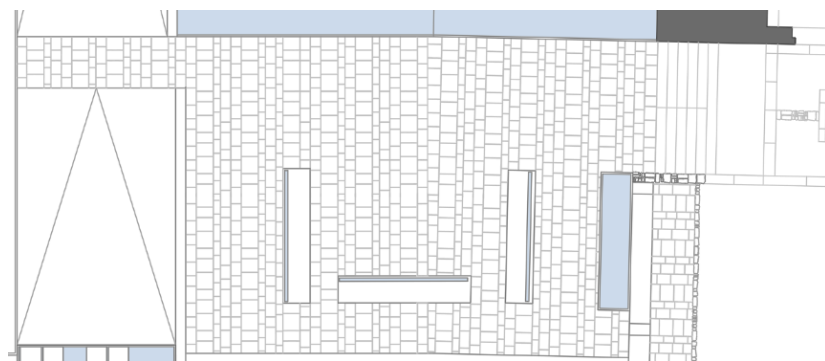


**Fig. 92 – Relação entre o caminho da água e o percurso das visitantes**



#### 4.5.2 |Ligação entre o Asilo e a Capela

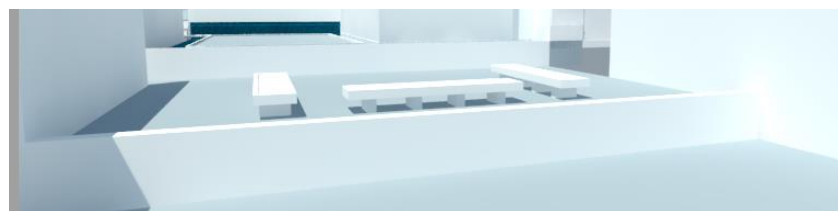
O Asilo e a capela, apesar de pertencem a entidades diferentes, a Fundação António Meireles e a Câmara Municipal de Torre de Moncorvo respetivamente, passaram a fazer parte do mesmo projeto de reabilitação. Ainda que exista a possibilidade de funcionarem separadamente, o objetivo seria que os edifícios se complementassem. Dessa forma e aproveitando o aspeto descuidado de como os muros de alvenaria fazem a ligação à esquina da igreja, surgiu a possibilidade de criar uma entrada secundária que interliga a entrada da capela com o espaço exterior do Asilo.



**Fig. 93 – Métrica do pavimento**

Seria um autêntico desperdício que esta fusão fosse apenas um ponto de passagem e, com o objetivo dignificar esta zona, criou-se um ponto de apreciação da paisagem.

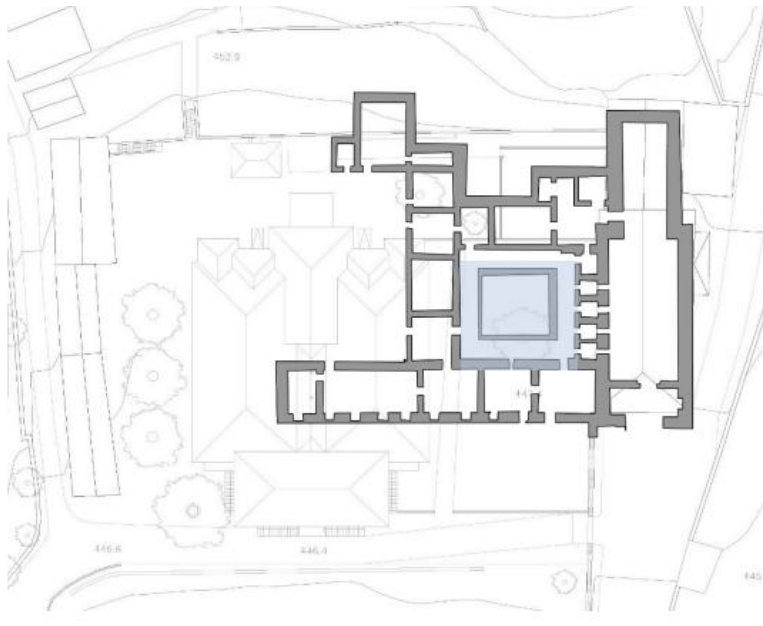
Este primeiro setor de observação é composto por um conjunto de bancos com diferentes orientações, embora os principais pontos de vista sejam Nordeste Sudoeste e exista um banco com essa orientação, os restantes encontram-se voltados para Noroeste Sudeste, determinando contatos visuais com a entrada do Spa. Devemos prestar particular atenção para o detalhe que existe ao longo do comprimento do banco, uma vez mais estabelecendo a relação entre o homem, a arquitetura e a água.



**Fig. 94 – Ponto de Observação**

4.5.3 | Antigo Claustro e Jardim de Água

Memórias do passado, presentes num projeto contemporâneos. Desenhos antigos revelam que existiu um claustro pertencente ao antigo convento franciscano. Através de sobreposição de plantas, conseguimos encontrar a sua posição e adequá-lo a uma época moderna.



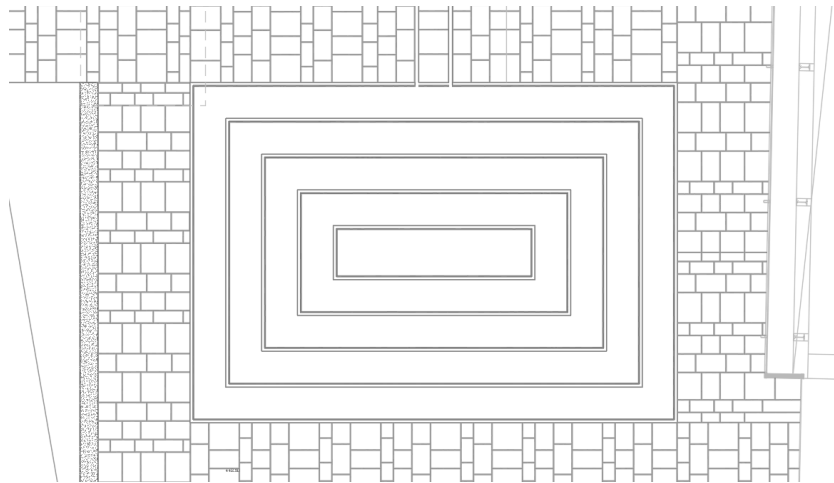
**Fig. 95 – Sobreposição da planta antiga do convento com a Planta atual para perceber a posição do antigo claustro**

Seria desconfortável recriar o que seria a sua identidade, no entanto, sendo o contacto com a água um dos elementos principais, faz todo sentido adapta-lo à realidade do presente. As barreiras físicas que delimitam o espaço deste novo elemento são muros dimensionados de forma a não obstruir a visão de quem passa pelo interior do passadiço. Não deixando de ser um espaço que fica no exterior, enunciamos a sua entrada através de elementos pontuais, como os muros altos desalinhados ou as escadas que nos transportam rapidamente a uma cota superior.



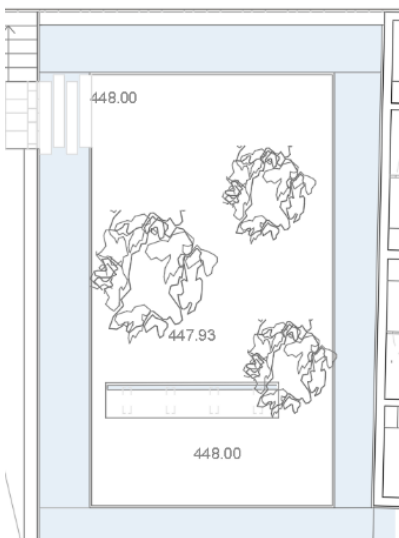
**Fig. 96 – Exemplo de um ponto de vista “entrada para o claustro”**

A ideia do claustro é focar a nossa atenção na zona central e a forma como o pavimento e o lago foram desenhados concede essa leitura.

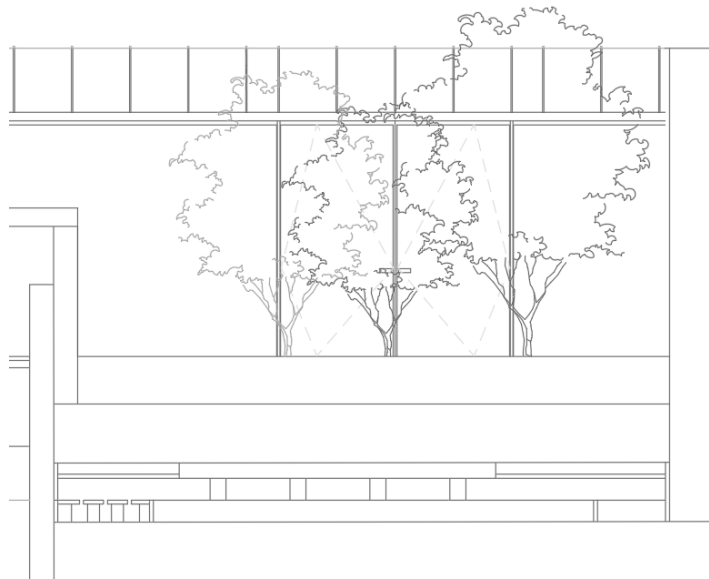


**Fig. 111 – Centralidade na Planta**

O jardim de água contrasta com a zona do claustro e embora siga os mesmos princípios, são conceitos opostos. No claustro o elemento central é o lago, a água, onde o objetivo passa por cativar os visitantes para o interior, já no jardim, seria o contrário, ou seja, rodeados por água que nos encaminha à entrada da capela pelo seu percurso, a ideia passa por prender o olhar para a paisagem e, para não dispersar, de um lado existe a parede dos banheiros e do outro foi criado um muro com cerca de três metros de altura.



**Fig. 112 – Forma como o Jardim é rodeado pela água**



**Fig. 113 – Alçado Frontal**

## Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

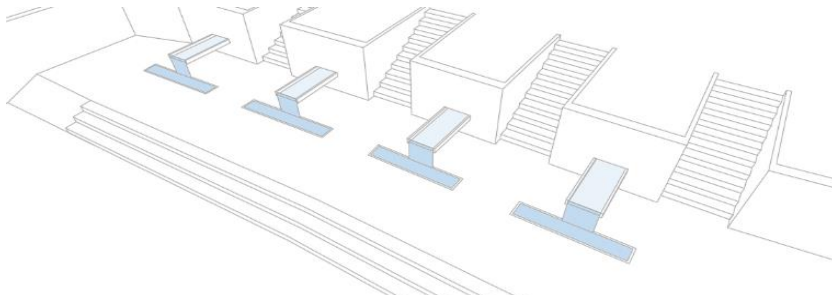
### 4.5.4 |Relação do novo edifício, Cultivo das Vinhas e Piscina Exterior

Localizado na parte superior do complexo edificado, não constituindo uma transição de interior/exterior, é uma zona que requer maior atenção por envolver três ambientes distintos, nomeadamente o novo edifício, a produção vinícola e a piscina exterior. Considero que existe neste espaço a transição de uma zona de trabalho para uma zona de lazer, sem que haja uma barreira física que os separe.

A dificuldade de inserir a intervenção em ambos os contextos, fez-me refletir sobre o que teria mais relevância. Seria um espaço de contemplação da paisagem, pois encontramos-nos na cota mais elevada do terreno, aproveitando para observar a plantação e transporte da uva, integrado no contexto do Spa e fazendo uso do novo edifício, provando o vinho.

Seguindo o exemplo das garreias do vinho do porto onde, para finalizar as visitas guiadas, existe uma prova de vinhos, foi projetado um conjunto de mesas elevadas em relação à cota da piscina, destrancando-as do que é a intervenção na piscina.

As mesas apoiam-se nos muros de suporte e têm como elo de ligação ao spa, a água que as atravessa e caindo sobre forma de cascata. O tampo em vidro com uma caixa feita de aço corten, permite que se veja o percurso



**Fig. 115 – Harmonia entre as mesas e a água**

### 4.5.5 |Harmonia dos Materiais

É importante que fique claro que existe uma continuidade da materialidade em todos os “momentos” deste projeto. Isto é, a materialidade funciona acima de tudo como um elo que liga todo o projeto. A escolha foi meticulosa e após várias viagens ao local foram identificados os materiais a utilizar, para os pavimentos exteriores seriam utilizados ladrilhos e calçada de granito, à oposição da rugosidade dos muros em xisto em redor da piscina seria utilizado betão aparente para os muros do restante exterior, deixando por último o aço corten como material que transporta a água.



**Fig. 114 – Zona de Ligação**



**Fig. 116 – Exemplo, caves Sandman**

**Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**



## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Num sentido Global, a reabilitação de cidades consiste na renovação contínua das estruturas existentes, na construção “passo a passo” e no desenvolvimento das suas próprias potencialidades encontrando para cada caso a solução mais adequada e não uma solução genérica preconcebida”<sup>26</sup>*

Trabalhar para um cliente foi uma experiência nova que se revelou, em determinados momentos, complexa. Coordenar o projeto de aluno com a volição do comprador e as restrições das especialidades envolvidas valorizou este primeiro ensaio proporcionado pelo projeto de reabilitação do antigo asilo de Torre de Moncorvo e Igreja de São Francisco. Esta experiência demonstrou a complexidade do trabalho fora do âmbito académico, principalmente em situações que parecem resultar em formato papel ou digital e que, no local, perdem a sua viabilidade.

Desta forma, as reuniões e as sucessivas visitas ao local revelaram-se fundamentais na conclusão do projeto, visto que nos encaminharam para direções diferentes do que havíamos planeado anteriormente e que ficaria completamente descaracterizado do local.

Cada edifício tem as suas características, a sua alma ou o seu espaço e concluído este trabalho fica claro que existe um prolongamento dessas qualidades para exterior.

O trabalho desenvolvido nesta proposta final de mestrado sobre a qualificação dos espaços de transição soluciona os problemas enunciados, convicto que qualquer percurso terá qualidade e o conforto durante o seu caminho.

---

<sup>26</sup> PORTAS, Nuno - Os tempos das Formas, volume 1: A Cidade Feita e Refeita. Guimarães. Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho

| BIBLIOGRAFIA

| Monografias

- AGUIAR, José;** Cor e cidade histórica. FAUP publicações
- AGUIAR, José; CABRITA, António Reis; APPLETON, João** 1993. Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais: Volume I. Lisboa: LNEC
- AGUIAR, J. PAIVA, J. V. PINHO, A.** 1992. Guia técnico de reabilitação habitacional. Volume I e II. Lisboa, LNEC/INH
- BACHELARD, Gaston.** 2003. A Poética do Espaço, Martins Fontes, São Paulo
- BAEZA, Campo.** 2013. A ideia construída, Caleidoscópico\_Edição e Artes Gráficas S.A., Casal de Cambra
- BRANDI, C.** 1977. Teoria del Restauro. Roma, Einaudi
- BENEVOLO, Leonardo, MELOGRANI, Carlo, LONGO, Tommaso Giura.** 1987. Projectar a Cidade Moderna, 2ª edição, ed. Presença, Lisboa.
- BRAWNE, Michael.** 2003. Architectural Thought: The Design Process and The Expectant Eye. 1 nd ed. Oxford: Architectural Press
- CABRITA, A. R. ALHO, C.** 1980. Reabilitação de Edifícios de Habitação. Critérios para a definição de níveis de qualidade, doc.1. Lisboa, LNEC
- CARITA, Helder; CARDOSO, Homem.** 1987 Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, Ed. Autores
- CHOAY, Françoise.** 2000 A Alegoria do Património, Lisboa, Edições 70
- CORBUSIER, L.** 1986. Towards a new architecture, New York, Dover Publications, Inc.
- CORONA, Eduardo.** 2001 Oscar Niemeyer: uma lição de arquitetura, Apontamentos de uma aula que perdura há 60 anos, FUPAM, São Paulo
- GRACIA, F.** 1992. Construir en lo construído: la arquitectura como modificación, Madrid, NEREA
- HERTZBERGER, H.** 2006. Lessons for students in architecture. Rotterdam: Ed. Uitgeverij 010 Publishers. Edição consultada: Lições de arquitetura, traduzido por Carlos Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes (1999).
- LOBO, C.** 1996, Jornal de Coimbra, p.8

**Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**

**NIEMEYER, Oscar.** 1982 Residência Canoas, nº 70, Módulo, Rio de Janeiro

**NIEMEYER, Oscar.** 1997 Conversa de arquitecto, Campo das Letras S.A., Porto

**PINTO, Jorge Cruz.** 2007. O Espaço-Limite, Produção e Recepção em Arquitectura, Coleção Arquitectura e Urbanismo, António Coelho Dias, S.A., Lisboa

**PORTAS, N.** 1996. Cidades e Frentes de Água. Porto: FAUP Publicações

**PORTAS, N.** 1983. Conservar renovando ou Recuperar revitalizando. Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro

**Portas, N.** 2005. Os tempos das Formas, volume 1: A Cidade Feita e Refeita. Guimarães, Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho

**ROHE, Mies van der.** 2009 “Mies Van der Rohe, Houses”, in 2G, nº 48/49, Editorial Gustavo Gili SL, Barcelona.

**RUSKIN, J.** 1880 The Seven Lamps of Architecture, New York: Dover Publications, Inc.

**RYBCZYNSKI, W.** 1996. Casa: Pequena História de Uma Ideia, Rio de Janeiro, Record

**TÁVORA, F.** 1999. Da Organização do Espaço, Porto, FAUP Publicações

**TÁVORA, F.** 1993. Memória Descritiva, Remodelação da Praça 8 de Maio, Porto

**ZUMTHOR, P.** 2006. Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, SL

**ZUMTHOR, P.** 2005. Pensar la Arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, SA

|Documentos Eletrónicos

**FAUL, MIARQ INT&REAB** 2014. Protocolo FAUL / Câmara Municipal de Torre de Moncorvo / Fundação Francisco António Meireles [em linha] Disponível em WWW:  
<http://miarq-int.fa.ulisboa.pt/index.php/protocolos/protocolo-faul-camara-municipal-detorre-de-moncorvo>.

## Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

|Teses

**ARENÇA, N.** 2009. O Saguão na Habitação Urbana, Tese de Doutoramento, FAUTL

**CANO, A. S.** 2015. O Asylo Fransisco Antóio Meirelles – Estudo históricoarquitetónico de um equipamento social da Primeira República (Torre de Moncorvo, Portugal – 1904-1916), Lisboa, FAUTL. Tese de mestrado

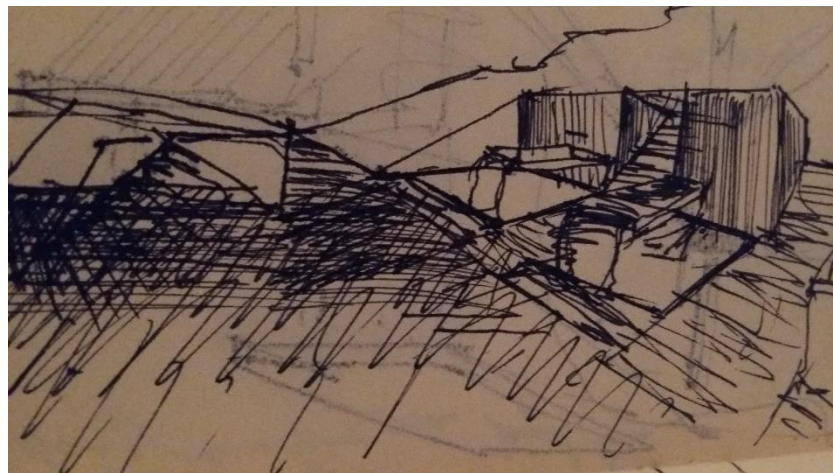
**PERNÃO, J.** 2012. A Cor Como Forma Do Espaço Definida No Tempo, Tese de Doutoramento, não publicada, FAUTL

**Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior**

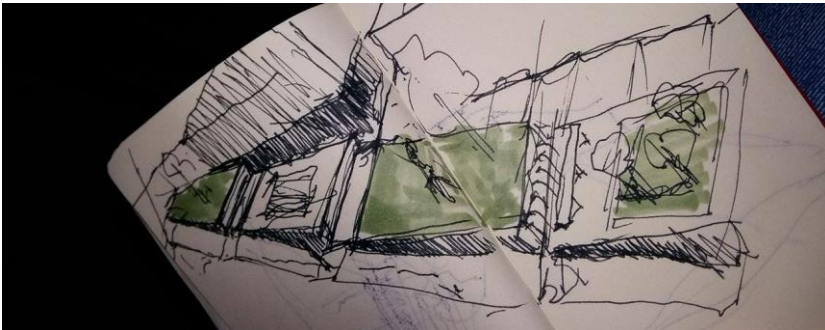
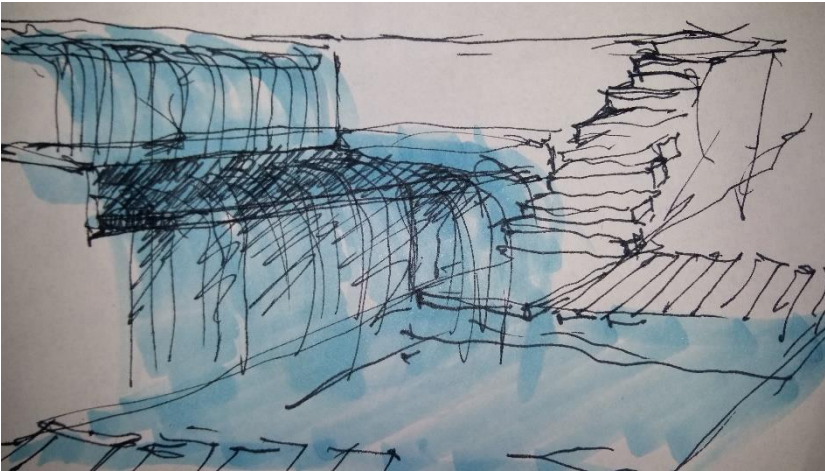


7 | ANEXOS 1

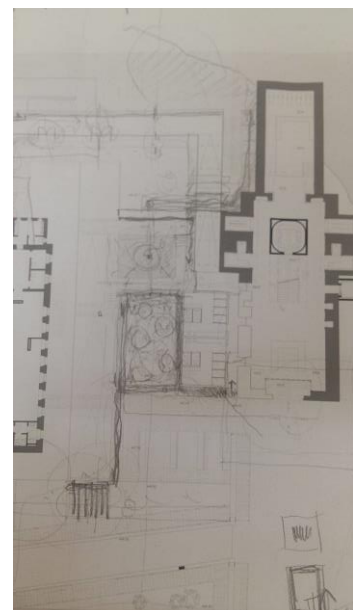
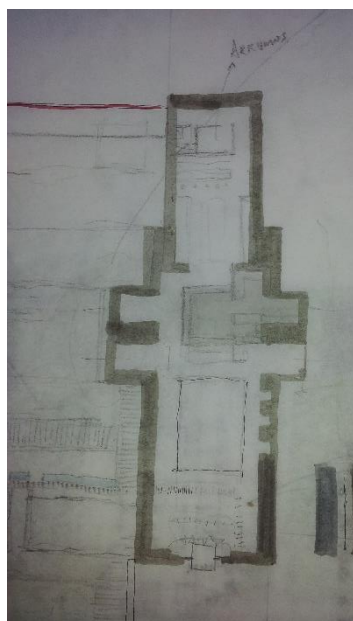
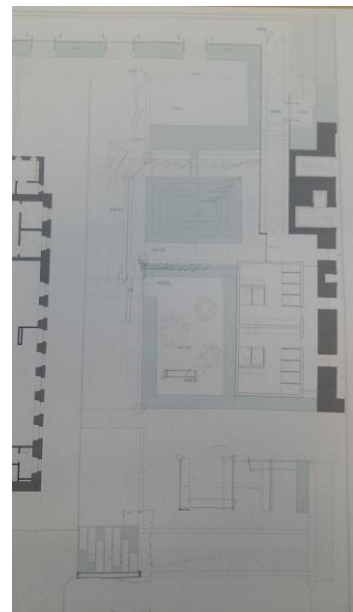
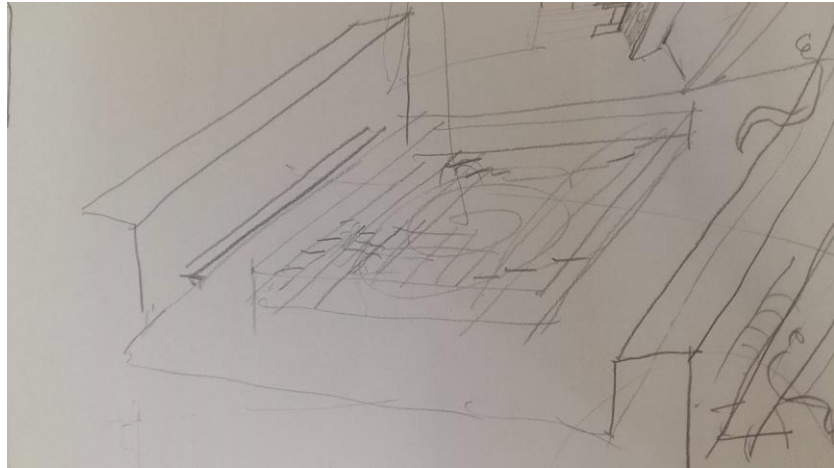
|Processo de Trabalho



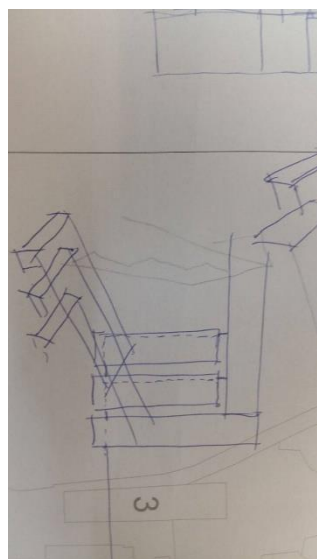
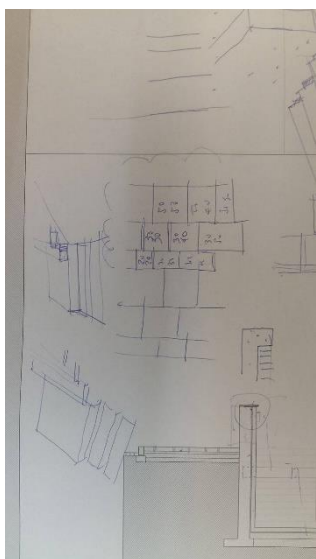
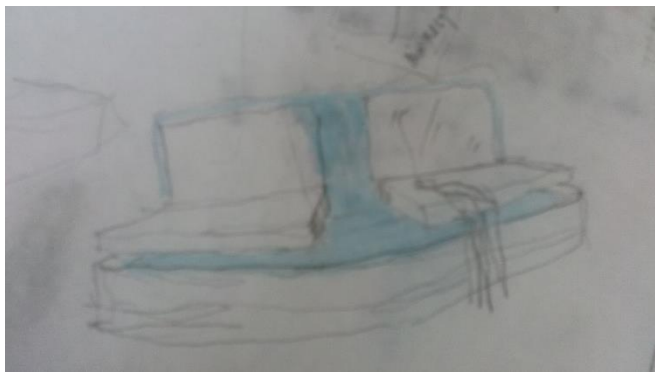
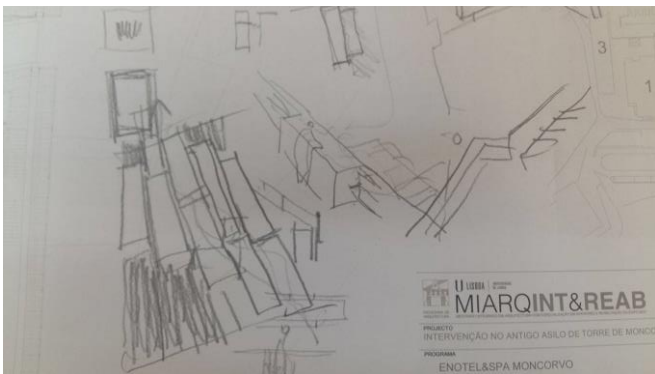
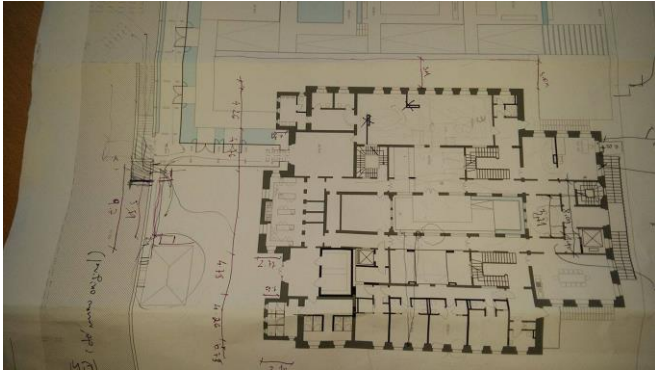
Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior



# Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

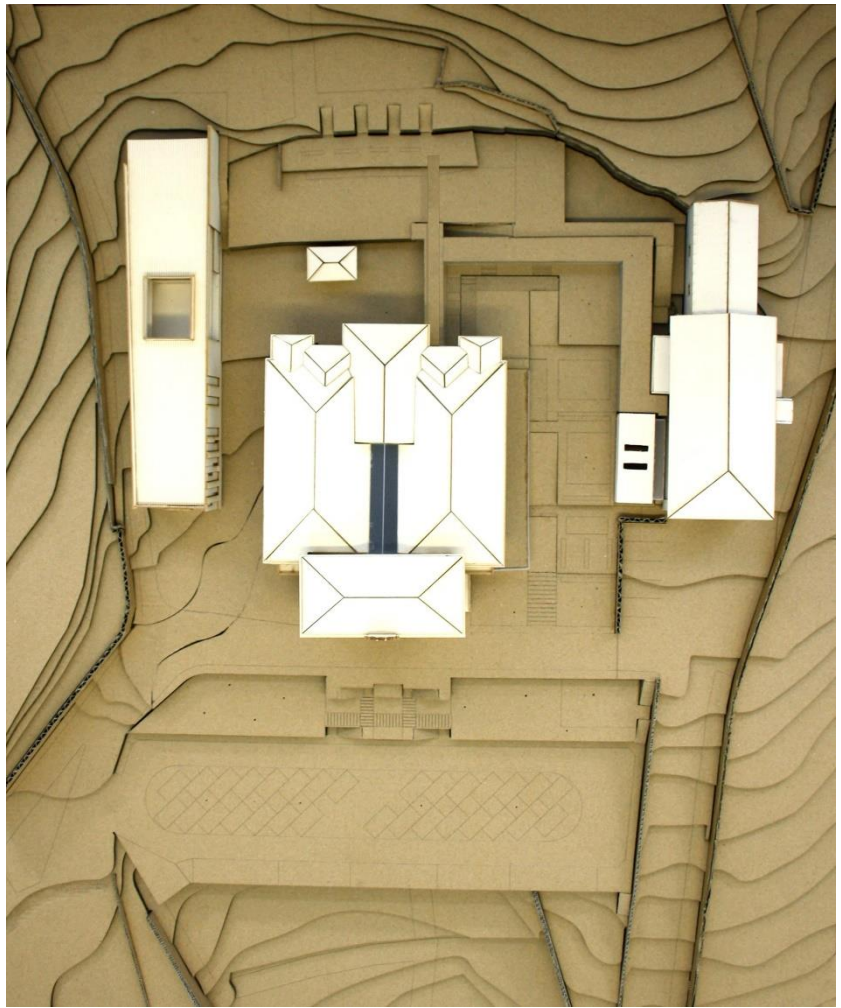


# Qualificação Arquitetónica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior



Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior

|Maquetes de Estudo da Proposta- Escala 1:200



Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior



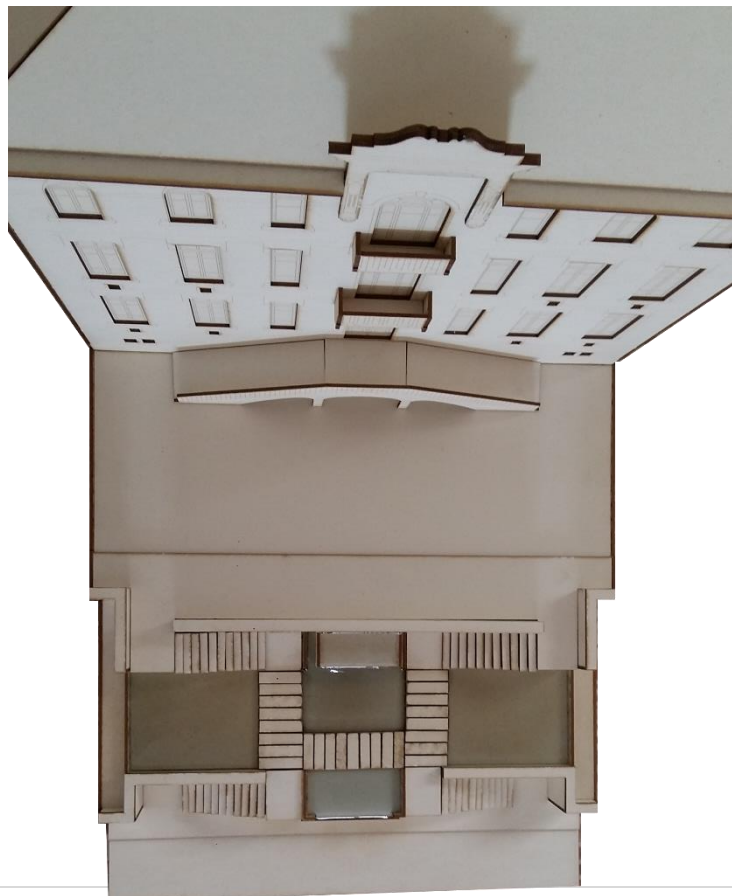
Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de  
Transição Interior/Exterior

|Paineis Síntese A3



8 | ANEXOS 2

|Maquete da Proposta- Escala 1:50 Escadas  
Exteriores



Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior



Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

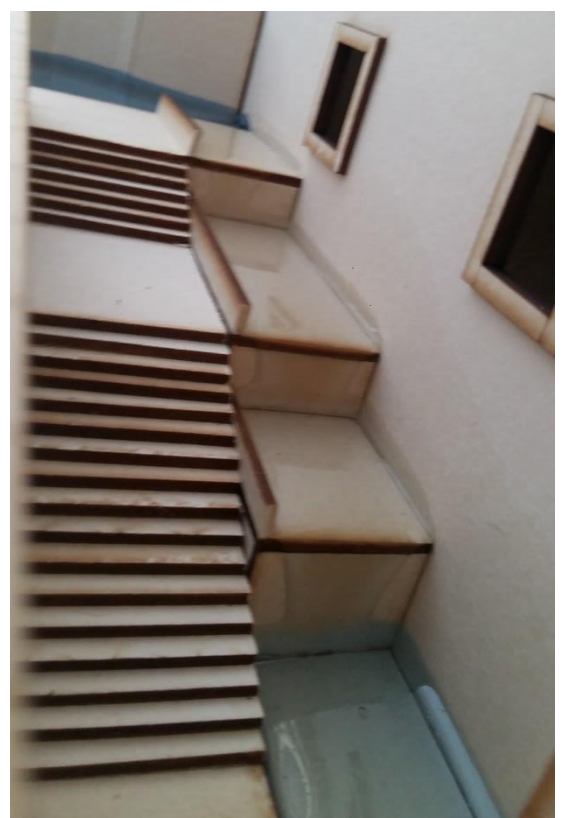


Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

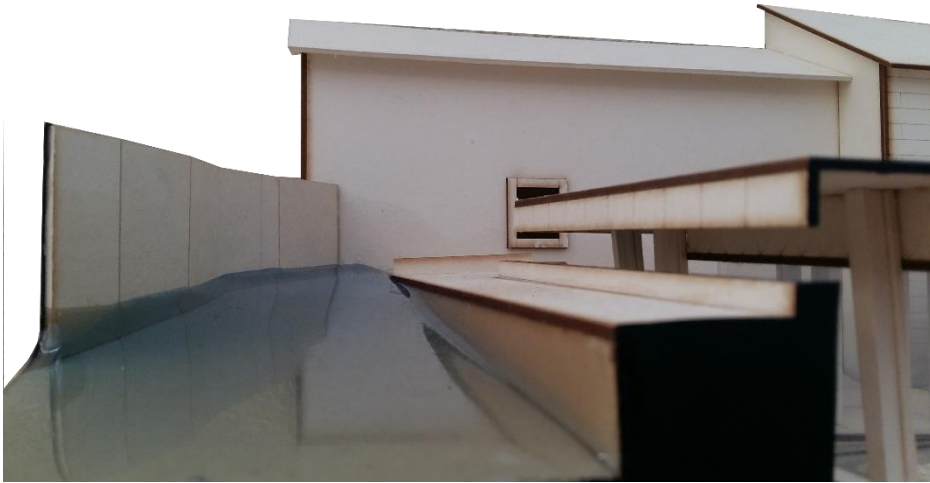


Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior

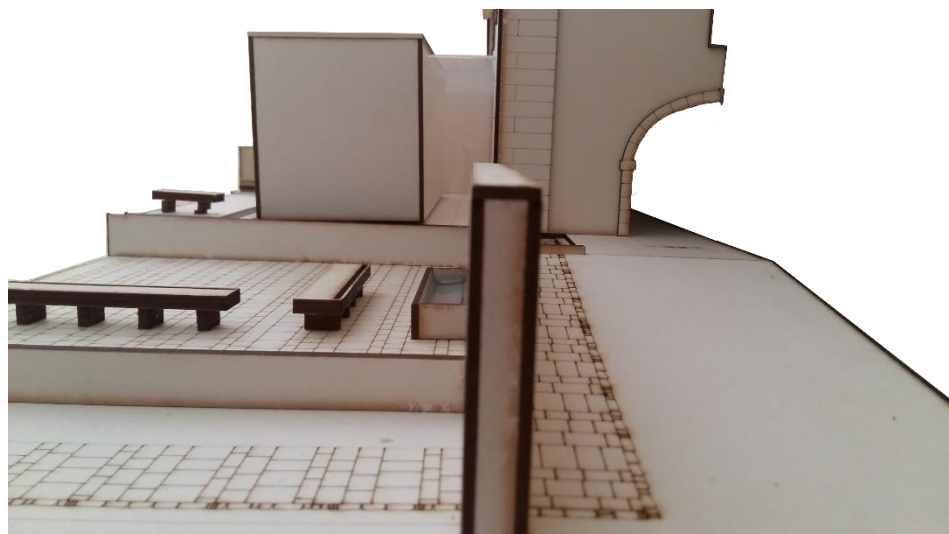
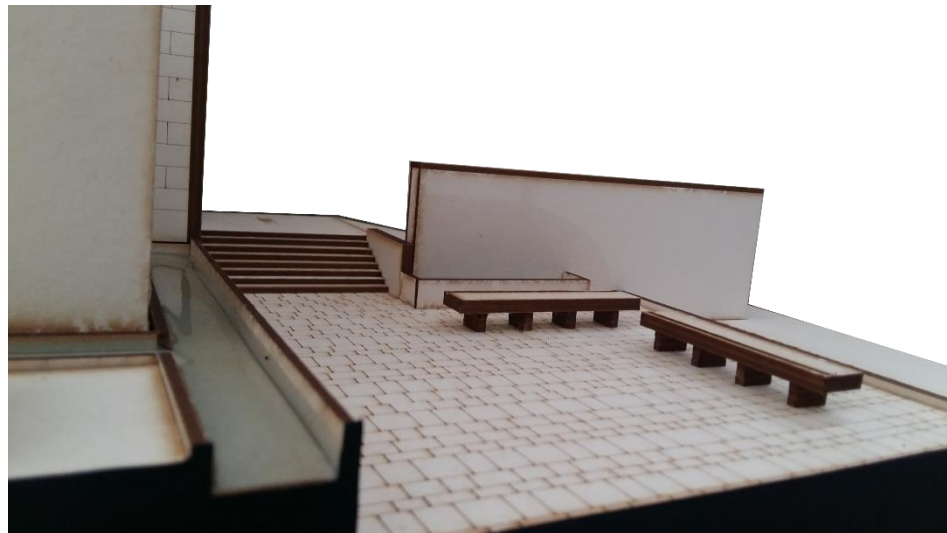
|Maquete da Proposta- Escala 1:50 Ligação entre Asilo e Capela



Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior



Qualificação Arquitetônica Através do Desenho de Espaços de Transição Interior/Exterior





9 | ANEXOS 3

|Painéis Síntese A3

Listagem de desenhos

| **Painel 1** – Planta de Localização

| **Painel 2** – Planta de Implantação

| **Painel 3** – Planta de Implantação Piso 0 (cota 446.50)

| **Painel 4** – Planta de Implantação Piso -1 (cota 449.60)

| **Painel 5** – Planta de Implantação Piso 1 (cota 454.32)

| **Painel 6** – Planta de Implantação Piso 2 (cota 459.10)

| **Painel 7** – Pormenorização do Exterior – Ligação spa com adega

| **Painel 8** – Pormenorização do Exterior – Antigo Claustro

| **Painel 9** – Pormenorização do Exterior – Jardim de Água e Ligação Spa e Enotel

| **Painel 10** – Pormenorização do Exterior – Escadas Exteriores, Ligação Enotel e Estacionamento